



RECEITAS CRISTÃS

José da Silva de Jesus

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



Sumário

Receitas cristãs.....	5
Espiritismo e as transformações sociais.....	6
Escolhas.....	10
Uma maçã podre.....	15
Controle remoto.....	18
Mudando a própria bolha.....	24
Quanto dinheiro eu preciso?.....	29
Mandamento ignorado.....	34
Felicidade para poucos.....	40
A necessidade da riqueza.....	45
Riqueza para fazer o bem.....	51
Autoridade moral e autoridade terrena.....	56
Justiça do bem.....	60
Corrupção política e corrupção do dia a dia.....	64
Meu dinheiro honesto.....	68
Um mundo sem dinheiro.....	73
Um mundo sem vaidade.....	79
Mundo civilizado.....	84

Receitas cristãs

Este livro é uma coletânea de dissertações sobre temas variados que vão desde reflexões sobre a civilização e os dez mandamentos, até assuntos do cotidiano recente de nosso país, como o radicalismo e o sensacionalismo da cobertura política e policial. Procurei aqui usar sempre como referência os argumentos e interpretações presentes nas duas obras fundamentais mais lidas e conhecidas da doutrina espírita: O livro dos espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo, que pela enorme gama de temas tratados facilitam e muito este trabalho.

Entre os assuntos abordados encontramos, entre outros, as recentes agitações políticas, o ativismo, o autoritarismo, os preconceitos, o partidarismo, a corrupção etc. Mas também temas mais “tranquilos” e mais pessoais, como a busca pelo sucesso profissional e os conflitos entre a ganancia e a humildade, o oportunismo e o altruísmo, a inveja e o desprendimento, a riqueza e a simplicidade.

Justamente por se tratar de uma humilde tentativa de traduzir com exemplos dos dias de hoje o significado de alguns pilares do cristianismo como a humildade, o desapego, solidariedade etc. mesmo que não sendo minha intenção, algumas ideias podem soar como inovadoras ou destoantes do pensamento comum, para outros até mesmo um pouco radicais. Por este motivo, convido você leitor a entrar em contato comigo através do email josedasjesus@gmail.com sempre que quiser discutir quaisquer dos temas aqui tratados e quem sabe me ajudar a corrigir possíveis erros lógicos ou falhas de minha interpretação, na certeza de que tenho muito a aprender com a sua experiência pessoal e a sua visão de mundo.

Espero que seja uma leitura prazerosa e quem sabe te inspire a fazer em casa algumas destas receitas cristãs de felicidade.

Espiritismo e as transformações sociais

Nestes tempos de agitação política, nos perguntamos se a doutrina espírita possui algo a oferecer, algo que possa servir de guia para a construção de uma sociedade mais pacífica e harmoniosa.

Procurando em O Evangelho Segundo o Espiritismo encontrei no item 20 do capítulo 5 este trecho em que os espíritos falam sobre as funções da doutrina espírita em relação ao progresso da sociedade humana:

“Dos progressos já realizados podeis facilmente deduzir os progressos futuros, e dos melhoramentos sociais já conquistados, novos e mais ricos melhoramentos surgirão. Esta é a grandiosa tarefa que deve realizar a nova doutrina que os Espíritos revelaram.”

Ao dizer que o espiritismo proporcionará “melhoramentos sociais” poderíamos entender que a doutrina tem a função de ditar ou estabelecer normas políticas e sociais a serem adotadas pelos legisladores e que modificariam as estruturas sociais. Mas vejamos este outro trecho abaixo extraído do item 4, capítulo 17 do mesmo livro: “O Espiritismo não estabelece nenhuma nova ordem moral, mas facilita aos homens a compreensão e a prática da moral do Cristo, dando a fé inabalável e esclarecida àqueles que duvidam ou vacilam.” Aqui somos lembrados de que a doutrina tem a função de esclarecer “a prática moral do cristão”, ou seja, a prática dos princípios estabelecidos por Jesus a dois mil anos, a ordem moral que pode resultar em uma transformação social é a ordem moral que já conhecemos dos evangelhos. Portanto o espiritismo teria a função de nos ajudar a compreender melhor a moral cristã e poderíamos compreender que as “transformações sociais” citadas pelos espíritos seriam fruto dessa melhor compreensão.

Ainda sobre as questões sociais do nosso mundo material, perguntou-se aos espíritos na questão de nº 806 de O Livro dos Espíritos “É lei da Natureza a desigualdade das condições sociais?” à qual obteve-se a resposta “Não; é obra do homem e não de Deus.”

Temos então aí a reafirmação de que a desigualdade e injustiça são frutos do comportamento do homem e que são desvios da moral cristã. Mas poderíamos pensar ainda que sendo Deus onipotente e não escapando nada à sua vontade, talvez não fosse correto intervir na organização social do mundo. Mas contra este pensamento os espíritos afirmam no item 27 do mesmo capítulo 5 de O Evangelho Segundo o Espiritismo:

“Quando virdes, pois, um de vossos irmãos feridos, não deveis dizer: ‘É injustiça de Deus, é preciso que ela siga seu curso’; mas dissei, ao contrário: ‘Vejam os meios que nosso Pai Misericordioso colocou em meu poder para suavizar o sofrimento de meu irmão. Vejam se minhas consolações morais, meu apoio material, meus conselhos não poderão ajudá-lo a transpor esta prova com ânimo, paciência e resignação. Vejam mesmo se Deus não colocou em minhas mãos os meios de fazer parar esse sofrimento; se não me foi dado também como prova, ou expiação, deter o mal e substituí-lo pela paz’.”

Portanto a injustiça que se mostra diante de cada homem pode ser um teste de seu carácter, de sua inclinação para a indiferença ou para a solidariedade, ainda completam os espíritos que: “Estais todos na Terra para expiar; mas todos, sem exceção, deveis empregar todos os vossos esforços para suavizar a expiação de vossos irmãos, segundo a lei de amor e de caridade.”

A doutrina dos espíritos portanto nos mostra que o homem nunca deve encarar a injustiça e a miséria alheia com naturalidade, sempre possuindo a obrigação moral de fazer o possível dentro de seu alcance para aliviar o sofrimento alheio. Mas vendo ao nosso redor o oceano de sofrimentos, injustiças e violências de todos os tipos, podemos nos perguntar ainda se viveremos permanentemente neste estado de coisas aqui na terra, se todas estas misérias humanas fazem parte de um quadro permanente ou quase imutável no qual sempre temos a obrigação de agir, mas sem esperanças de conseguir alterá-lo. Será que apesar de sua obrigação moral de fazer o que puder ao seu alcance, o homem não deve ter esperanças de

conseguir através de sua ação alterar as estruturas sociais para a construção de uma sociedade mais justa e solidária?

Para esta pergunta encontramos a resposta na mesma questão de número 806 já citada, onde foi questionado: “Algum dia essa desigualdade desaparecerá?” ao que os espíritos responderam: “Eternas somente as leis de Deus o são. Não vêes que dia da dia ela gradualmente se apaga? Desaparecerá quando o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar.”

Aqui os espíritos deixam claro que a sociedade sempre está em estado de mudança e que sua estrutura tende sempre a evoluir para formas menos injustas conforme evolui moralmente o homem. Corroborando esta ideia, encontramos no item 11 do capítulo 11 de O Evangelho Segundo o Espiritismo este trecho de autoria do espírito Emmanuel:

“O egoísmo, esta chaga da Humanidade, tem que desaparecer da Terra, pois retarda seu progresso moral, e é ao Espiritismo que está reservada a tarefa de fazê-la elevar-se nas ordens dos mundos. O egoísmo é, então, o objetivo para o qual todos os verdadeiros cristãos devem dirigir suas armas, suas forças e sua coragem. Digo coragem, pois é preciso mais coragem para vencer a si mesmo do que para vencer aos outros. Que cada um empregue todos os seus esforços em combatê-lo em si mesmo, já que esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho, é a causa de todas as misérias aqui na Terra. É a negação da caridade e, conseqüentemente, o maior obstáculo para a felicidade dos homens.”

Portanto, o espiritismo, que tem a função de resgatar o evangelho de Jesus em suas bases mais simples, ataca diretamente o egoísmo, que segundo Emmanuel é “o maior obstáculo para a felicidade dos homens”, deixando claro que o estado atual de nossa sociedade injusta somente prevalecera enquanto o egoísmo ainda for maior do que o amor ao próximo. Podemos concluir que a sociedade irá com certeza sofrer uma grande transformação em suas estruturas, mas

esta transformação só acontecerá quando houver uma transformação significativa do homem. O homem evolui a cada dia e com ele também evoluem as estruturas sociais que ele cria, chegará portanto um tempo em que toda estrutura social que promova a injustiça e a desigualdade será considerada inaceitável, conforme ainda encontramos no mesmo livro: “A lei de amor substitui o individualismo pela integração das criaturas e acaba com as misérias sociais.”

O espiritismo tem sim a função de efetuar uma transformação social, uma transformação das estruturas sociais e políticas para que estas se adequem ao evangelho de Jesus, mas a transformação ao invés de seguir um caminho de fora para dentro, segue o caminho inverso, a transformação será individual, dentro de cada homem, num processo irreversível que levará à completa transformação da nossa sociedade começando de dentro para fora de cada indivíduo.

“Este grande pensamento de renovação pelo Espiritismo, tão bem exposto n’O Livro dos Espíritos, produzirá o extraordinário milagre dos próximos séculos vindouros: o da união de todos os interesses materiais e espirituais dos homens, pela aplicação deste ensinamento bem entendido: ‘Amai muito, para serdes amados’.”

Escolhas

Um piloto de um caça sobrevoa uma zona de conflito, ele olha para baixo e vê que seu alvo é uma escola, a escola está cheia de crianças em horário de aula, ele então segue com o plano, mira e dispara míssil que mata imediatamente 25 pessoas, sendo 15 delas crianças. Um dos poucos repórteres que ainda se arriscavam a permanecer na região filma o resgate das vítimas, a notícia e as imagens correm o mundo e muitos se perguntam: O que leva uma pessoa a cometer uma atrocidade destas?

Imaginemos por exemplo que este mesmo piloto um dia com 8 anos de idade e estudando em uma escola similar resolvesse acender o pavio de uma bomba para, de forma planejada e consciente, matar igualmente cerca de 25 pessoas. Seria imediatamente considerado um doente, um psicopata e logo seria levado para uma instituição para tratamento de doentes mentais perigosos. Mas não é o caso deste piloto de avião, ele foi uma criança normal, se comportava normalmente, tinha amigos e era considerado um ótimo filho pela sua mãe (claro que todas mães sempre acham seus filhos ótimos), ele chegou à idade adulta e resolveu seguir a carreira militar, o que encheu sua família de orgulho.

Quando criança ele assistiu ao filme Top Gun – Ases Indomáveis e como todo menino daquela época ele também sonhou em ser um piloto de caça. E após anos de treinamento chegou o dia em que todo homem das armas espera a oportunidade de ser útil, de mostrar sua coragem e lealdade, de fazer valer seus anos de treinamento e dedicação, de provar para todos o seu valor justificando o seu alto status dentro da carreira das forças armadas que sempre lhe renderam um bom salário e uma boa condição social para sua família. Iniciada uma guerra ele primeiro faz missões de reconhecimento com moderno equipamento fotográfico, enfrenta a artilharia anti-aérea, vê companheiros seus serem abatidos e morrerem nas mãos do inimigo. Ele despeja bombas sobre as linhas

inimigas no meio do deserto e vai se acostumando com o caos e a morte.

Este piloto começa então a imaginar que civis podem estar entre as vítimas de seus ataques no chamados “danos colaterais”, mas sua vontade de cumprir o dever para com seus superiores e para com a nação fala mais alto. Como todo piloto neste tipo de missão ele é cobrado a acertar os alvos designados sem nunca questionar, ele não pode nunca falhar em uma missão, não pode errar o ponto exato designado, não pode nunca abortar e simplesmente voltar para casa. Nestas missões ele arrisca sua vida guiando uma aeronave de muitas dezenas de milhões de dólares, ele gasta tempo e combustível voando durante horas até a região dos alvos, enquanto seus companheiros de luta no solo morrem esperando pelo apoio aéreo.

Lá de cima ele enxerga o alvo e percebe que o que foi designado como um possível esconderijo de “terroristas” se trata de uma escola em uma área residencial, pelo dia e horário pode-se imaginar que estejam havendo aulas, vê minúsculos pontos que parecem ser pessoas e pode muito bem imaginar que sejam crianças. Mas ele segue com sua missão, dispara o míssil e comete esta atrocidade que só poderia ser obra de um psicopata muito doente, ele matou 25 pessoas sendo 15 crianças e não existe justificativa que se possa dar para se cometer tal crime.

Esta história é muito parecida com muitas outras que acontecem todos os dias nas guerras pelo mundo afora, mas também podemos fazer uma analogia com milhares de outras situações do dia a dia em todos os lugares e contextos, onde um indivíduo racional, inteligente, razoavelmente honesto, sóbrio e cumpridor de seus deveres vai aos poucos sendo levado pelas conveniências e pressões sociais a cometer os atos mais absurdos. Seja o policial que mata a sangue frio o bandido desarmado, o político que faz acordos sujos que tiram da saúde milhões que poderiam salvar muitos mais do que 25 pessoas. O juiz ou promotor que condenam sem piedade o homem humilde que poderiam muito bem terem percebido ser inocente. O servidor

que trata o público com desleixo e insensibilidade, causando pequenos prejuízos a milhares de pessoas.

Os indivíduos que cometem estes atos, dos mais graves aos mais comuns, não passam a agir com este desrespeito pelo próximo de uma hora para a outra, estas são situações que são construídas ao longo de muitos anos, são atos conscientes, mas fruto de toda uma história, um contexto psicológico bem peculiar. Mas será que podemos então por este motivo considerar o indivíduo como inocente ou talvez menos culpado? Somente a Deus cabe julgar, mas sabemos que não se trata de um ato involuntário ou de um erro de julgamento, todo ato consciente traz suas consequências e acreditando que Deus seja bom e justo, cofiamos que ele avaliará as culpas e os méritos de cada um, em cada situação.

As diversas situações em que a vida nos coloca servem para nos testar, testar nosso caráter e permitir que com nosso livre arbítrio decidamos que caminho tomar. Não apenas as situações extremas como o momento exato em que um combatente põe o dedo no gatinho e decide ou não disparar uma arma que causa uma enorme destruição, mas também nas pequenas situações do dia a dia que, caso tomemos as decisões erradas, aos poucos vão nos colocando cada vez mais próximos do momento em que com um pequeno gesto cometeremos um grande crime.

Vejamos o exemplo do piloto. Ele teve um dia de decidir se entraria ou não em uma instituição que tem a nobre missão de proteger a nação, mas cuja especialidade consiste em matar pessoas; decidir tentar uma vaga num alto posto dentro das forças armadas com alto status, mas cuja função é pilotar uma verdadeira arma de destruição em massa, uma “Top Gun”; teve de decidir contribuir no combate a extremistas (pelo menos na visão de seus comandantes) mas colocar em risco a vida de pessoas inocentes; até o momento em que tem que decidir entre puxar o gatilho ou abortar a missão, denunciando seus superiores por apontarem uma escola cheia de crianças como alvo e pondo fim assim à sua carreira militar.

No outro extremo dos exemplos que citamos, temos o servidor público que precisa escolher entre se curvar às conveniências políticas de seus chefes (mais preocupados com suas próprias carreiras) que ordenam aos subordinados no serviço público que escolham o caminho mais conveniente, deixando de atender o público como deveriam para não acumular serviço e manter as aparências do bom andamento da repartição, com metas e estatísticas mentirosas, ou, por outro lado, escolher atender o público com a devida atenção, causando conflitos entre este servidor e seus dirigentes. Assim como no caso do piloto de avião, estas pequenas escolhas vão aos poucos definindo o comportamento e o ambiente social e psicológico destas instituições. Os grandes atos criminosos e as grandes injustiças praticadas por pessoas que acreditam apenas estarem cumprindo o dever, são o resultado de uma longa série de adaptações às conveniências sociais por parte dos membros destas organizações.

O conhecimento da vida espiritual nos mostra que na grande maioria das vezes fomos nós mesmos que escolhemos enfrentar estes testes do nosso caráter. Vindo de um passado em que cometemos grandes injustiças e depois tentamos nos esquivar atribuindo a culpa de nossas falhas às situações em que fomos colocados no desenrolar de uma encarnação passada, escolhemos no plano espiritual enfrentar novamente estes testes numa próxima encarnação, para realmente colocar à prova o nosso aprendizado. Talvez tenhamos afirmado no passado, quando no plano espiritual, que não havíamos desejado cometer estas injustiças de forma consciente, afirmamos também termos aprendido a lição e que não ousaríamos nos curvar às conveniências e voltar a cometer estas faltas no futuro. Então no presente em uma nova encarnação somos então novamente colocados dentro de situações similares para mais uma vez testar o nosso caráter nas pequenas escolhas do dia-a-dia.

Por isso a importância de se refletir a cada passo de nossas jornadas, cada pequena decisão aparentemente sem importância, mas que pode no futuro vir a prejudicar o próximo. Seja como patrão que

respeita não só as leis mas também as necessidades de seus empregados ou como empregado que desempenha o seu trabalho com dedicação zelando pelos interesses dos seus empregadores. Seja como agente público subalterno ou em função de direção que cumpre o seu dever sem se curvar à conveniências e pressões políticas.

Ao seguir este caminho, o caminho da consciência tranquila e do respeito ao próximo, muito provavelmente perderemos as melhores oportunidades dentro de alguma carreira, seremos provavelmente substituídos por alguém mais ambicioso e mais disposto a “ganhar o mundo e perder a sua alma”, ficaremos longe das premiações públicas, perderemos promoções e aumentos. Mas é justamente nisto que consiste a vida do bom cristão, que busca a construção de uma sociedade mais justa para todos, o bom cristão está sempre disposto a sofrer um prejuízo pessoal em favor do bem coletivo, conforme encontramos em O evangelho Segundo o Espiritismo, “O homem de bem... sacrifica sempre o seu interesse à justiça.”

Uma maçã podre

O ditado popular diz que “Uma maçã podre estraga todas as outras”, a ideia como sabemos baseia-se em uma crença de que um indivíduo de mau comportamento pode contaminar um ambiente e fazer com que outros indivíduos bons passem a se comportar de forma errada. A analogia é feita com o ciclo natural do fruto, que pode ter seu amadurecimento acelerado ao entrar em contato com outro já amadurecido. Mas será que isto é mesmo verdade? Não quanto ao fruto é claro, ele não nos interessa aqui, mas com relação às pessoas, será que um indivíduo mau tem o poder de influenciar os demais, fazendo com que se tornem maus?

O ciclo natural do fruto nós conhecemos, ele é verde, depois maduro e apodrece, mas e o ciclo natural do espírito? A doutrina espírita nos explica que ele é na verdade exatamente o contrário, um espírito imperfeito amadurece para se tornar um espírito perfeito para toda a eternidade. Assim como uma maçã, que uma vez amadurecida não pode voltar a ficar verde, o espírito não pode desaprender o que aprendeu, os espíritos não retrocedem, não podem involuir, somente evoluem na direção constante do aperfeiçoamento moral. Portanto ninguém pode ser contaminado para adquirir uma má tendência que já não possuísse.

O que vemos nos casos que dão exemplo ao que chamamos de “maçãs podres”, são na verdade espíritos que já possuem más tendências, mas que se sentem inibidos em praticar estas ações socialmente reprováveis. Estes indivíduos perdem a inibição para praticar estes atos reprováveis ao conviverem com um outro indivíduo recém chegado ao grupo e que não possui esta inibição. Da mesma forma que em uma festa as pessoas chegam tímidas e vão aos poucos perdendo a inibição para cantar, dançar e brincar ao verem outros participantes desinibidos, num grupo cheio de pessoas com algumas más tendências, algumas delas podem perder esta boa inibição que impedia elas de fazerem o mal, ao verem um indivíduo

perverso e desavergonhado. Um mal elemento pode tirar a inibição de um grupo, seja de estudantes, trabalhadores, políticos, empresários etc. mentindo, enganando, trapaceando, roubando e despertando assim as tendências que estavam contidas, criando aquele chamado “efeito manada” em que os participantes dizem “eu sou honesto, mas se todo mundo vai mentir, então eu também vou”. Mas sabemos que na verdade não é possível estragar “boas maçãs”, pois a moral dos espíritos não se deteriora, não regride, apenas se mostra a tendência que estava contida/inibida no espírito ainda impuro.

Baseando-se neste conhecimento, podemos nos perguntar então: E como fica a educação dos filhos? Será que adianta os pais afastarem os filhos de todo tipo de mau exemplo para que o comportamento destes não seja contaminado, ou será que isto é um esforço inútil?

Imaginemos por exemplo uma criança criada numa família de criminosos, ela pode achar que o comportamento dos pais é normal, pelo menos enquanto ainda for muito jovem. Caso esta criança seja um espírito mais maduro e que já busca o bem, conforme for crescendo e entendendo o mundo à sua volta e o prejuízo que o comportamento de seus pais causa aos outros, ela passará a reprovar o comportamento de seus pais e se recusará a agir da mesma forma, pois um espírito bom não pode ser forçado a fazer o mau de forma consciente. No oposto deste exemplo, uma criança que foi um espírito criminoso no passado, caso venha a possuir pais muito honestos e dedicados ao bem, imitara, como toda criança, o comportamento dos pais, mas conforme for amadurecendo e entendendo melhor o mundo a sua volta, poderá se sentir tentada a agir de maneira oposta aos seus pais, obtendo vantagens para si com prejuízo para os outros. Mas esta criança terá sempre o exemplo e a vigilância dos pais como freio do seu comportamento. Ao contrário do espírito bom que não pode ser forçado a praticar o mal, o espírito bom pode ser forçado ou pelo menos freado pela vergonha que o inibe de praticar o mal.

Esta é justamente a razão de encontrarmos na terra espíritos com diferentes inclinações, nenhum de nós é muito melhor do que o outros, todos temos mais ou menos a mesma quantidade de qualidades e defeitos. Mas temos tendências diferentes, um espírito pode ter mania de contar pequenas mentiras mas ser bastante trabalhador, este espírito pode se sentir envergonhado em mentir ao ter contato com um outro espírito que nunca mente. Já este outro espírito honesto que não mente pode ser um pouco acomodado e até preguiçoso, ele por sua vez vai sentir vergonha em fazer corpo mole ao ver que seu colega (o mentiroso) trabalha mais do que ele, e vai se sentir motivado a se esforçar um pouco mais.

O espírito sabe naturalmente diferenciar o certo do errado e estando em contato com espíritos bons, a vergonha o inibe e ajuda a eliminar gradualmente aquela tendência ao mau comportamento. E isto vale para tudo, vemos esta evolução dos espíritos individualmente e da sociedade como um todo em relação preconceitos de raça, de classe, a eliminação gradual dos sistemas de casta em diversos países, o combate ao machismo, à homofobia, e aos poucos vamos vendo também ganhar espaço o repúdio à uma vida de preguiça e à ganancia desenfreada. Assim como a maçã que apodreceu não pode reverter seu caminho natural e voltar ao estado anterior, o espírito não pode retroceder no seu caminho natural que é a evolução moral e a eliminação das más tendências. Assim, para os espíritos, ao contrário das maçãs, os bons é que contaminam os maus.

Controle remoto

Uma pessoa está com um controle remoto da televisão em sua mão, ela aponta para a TV e tenta mudar de canal mas a TV não responde, o motivo é que ela está com o controle virado para o lado contrário, apontado para a própria barriga em vez de apontado para a TV. Ela começa então a mostrar sinais de insatisfação e irritação, bate no controle e com a voz zangada pergunta a si mesma: Por que a TV não responde?

Uma outra pessoa que assiste à cena percebe o que está acontecendo e se pergunta: Qual atitude devo tomar? Apenas avisar que o controle está virado para o lado contrário? Ou tomar o controle das mãos do outro e inverter a posição, apontando para o lado correto?

Em relação a muitos desafios do nosso dia-a-dia é comum nos encontramos diversas vezes em ambas as posições, às vezes estamos na posição daquele que aponta para o lado errado e outras vezes estamos no lugar daquele que sabe o lado correto e deseja ajudar o outro. Somos espíritos com graus de evolução diferentes e também possuímos diversas experiências e níveis de conhecimento diferentes adquiridos nesta encarnação. Por isso sempre estamos sendo confrontados com situações em que podemos ajudar ou em que podemos aprender com o próximo.

Em uma situação como a do controle remoto, ou em uma outra situação que seja realmente importante, qual a atitude correta a se tomar? Apenas avisar que a pessoa está apontando para lado errado? ou tomar à força o controle da situação e fazer a mudança por conta própria?

Se nos contentarmos em apenas avisar, corremos sempre o risco de sermos ignorados. Mas se tentarmos tomar o controle, também corremos o risco de haver resistência e de não conseguirmos efetuar a mudança desejada, neste caso então tentaremos voltar para a

primeira opção, aconselhando a pessoa sobre o seu erro e a maneira de corrigi-lo. Mas então quase com certeza seremos ignorados, seremos acusados de sermos controladores e estarmos tentando obter o controle para nós, visando apenas nossos interesses.

Assim como o controle remoto apontado para o lado errado, os rumos da sociedade no nível coletivo, com em relação às políticas públicas de governos, associações, sindicatos, cooperativas, empresas, condomínios ou qualquer outro tipo de organização coletiva, também podem estar apontados para o lado errado. Tentando corrigir estes rumos e direcionar a sociedade para o progresso, encontramos os chamados movimentos progressistas, que são organizações de pessoas que se unem para tentar influenciar a sociedade e aqueles que detém algum poder, para um caminho que o bom senso aponta como sendo o mais correto. Entre os exemplos de movimentos deste tipo, podemos citar os movimentos contra o racismo, contra a intolerância, a homofobia, o machismo, os movimentos em prol da democracia, movimentos pelo direito universal à educação, à proteção da infância e juventude, proteção à velhice, movimentos pela proteção do meio ambiente, em favor da liberdade religiosa, movimentos contra a extrema desigualdade e injustiça social, entre muitos outros. Estes movimentos, chamados progressistas, possuem muitas semelhanças e objetivos em comum com as religiões progressistas, que tentam igualmente espalhar a palavra e a ideia de igualdade de direitos, tolerância, respeito e amor ao próximo, sendo o evangelho de Jesus o exemplo maior deste tipo de filosofia progressista.

Mas qual seria a maneira correta destes movimentos e religiões progressistas agirem? Tentar tomar o controle da sociedade e dos indivíduos à força e efetuar as mudanças necessárias? Ou apenas avisar e aconselhar sobre o caminho correto que a sociedade deveria tomar? Existe ainda a terceira opção, que é a indiferença, ou seja, deixar que cada um sofra as consequências dos seus próprios enganos e “lavar as mãos”. Esta última não parece ser uma opção

válida para um seguidor da doutrina espírita baseada na caridade ou para qualquer cristão.

Não precisamos dizer que tanto os movimentos políticos quanto os religiosos, sendo governados por seres humanos imperfeitos, estão sempre sujeitos a uma série de falhas e distorções que podem muitas vezes manchar o nome do movimento ou instituição. O século XX foi marcado por uma luta constante entre correntes ideológicas opostas, entre os grandes embates do século, dois que ganharam bastante atenção foram os movimentos pela libertação da opressão econômica e do colonialismo e o movimento contra o racismo, que de muitas formas estão meio que entrelaçados.

Em relação aos movimentos contra o racismo vimos um grande progresso durante o último século com fim do Apartheid, as conquistas importantes do movimento pelos direitos civis nos EUA e a libertação de povos inteiros que viviam sob o domínio europeu na Ásia e na África, sendo talvez o mais notório de todos o movimento pela libertação da Índia. Mas em relação aos movimentos que lutavam contra a desigualdade e opressão econômica, o século foi marcado pela disputa política por poder e influência entre duas facções radicais rivais. De um lado as forças aliadas à velha ordem econômica mundial sob a bandeira do capitalismo, com virtudes muito bem divulgadas mas também sérios e conhecidos problemas e do outro a facção comandada pelos vencedores da violenta revolução bolchevic. Sem entrar em detalhes e nos argumentos ideológicos de cada lado, podemos ver facilmente que a maior parte do século passado se resumiu a uma luta interminável entre o lado que detém o controle da economia capitalista em quase todo o mundo e o lado que afirmava possuir uma fórmula para um mundo melhor e que tentava arrancar o controle das mãos do outro à força através de guerrilhas revolucionárias. O que resultou, como seria de se esperar, em muita violência de ambos os lados durante a chamada guerra fria.

As vitórias significativas dos movimentos contra o preconceito racial podem ser atribuídas principalmente ao uso da tática da não-

violência. Ao abrir mão do uso de qualquer tipo de violência estes movimentos conseguiram deixar bem claro para a opinião pública quem exercia o papel do opressor violento e quem era o oprimido e pacífico, minando a conhecida estratégia de manipulação midiática que sempre faz os oprimidos aparecerem como sendo os causadores do problema. A inferioridade moral dos racistas ficou escancarada com a firmeza e convicção dos manifestantes que se recusavam a tomar qualquer atitude violenta, mesmo sofrendo inúmeras agressões e muitas vezes até mesmo a morte. O grande guia deste movimento foi a alma iluminada de Gandhi na Índia que inspirou mais tarde as vitórias de Martin Luther King nos EUA.

Já o movimento e a luta por um modelo econômico menos injusto foi grande fracasso, a desigualdade até foi contida durante alguma parte do século passado, principalmente nos países mais ricos e capitalistas, ironicamente para tentar minar os argumentos dos comunistas, mas voltou a regredir e hoje países como os EUA possuem aos piores níveis de desigualdade já registrados. Também vemos hoje países como o Brasil, onde ocorreram igualmente significativas vitórias contra o racismo, passando até mesmo ser considerado crime, mas que ainda se mantém como um campeão da desigualdade, o que acaba prejudicando as conquistas que poderiam ser alcançadas em uma sociedade que caminha para se libertar do preconceito racial, pois a desigualdade extrema e a consequente falta de mobilidade social impedem a ascensão daqueles que se encontram na pobreza justamente pelo motivo de serem herdeiros de séculos de escravidão.

Fica claro que as vitórias de um movimento e os fracassos do outro se devem aos métodos empenhados para tentar atingir os objetivos. De um lado vitórias expressivas e surpreendentes daqueles que adotaram a não violência, do outro o fracasso quase completo daqueles que, em busca de um modelo econômico menos injusto, acabaram se deixando dominar pelos oportunistas que pregavam a revolução violenta. De um lado temos como símbolo maior o revolucionário Che Guevara, que apesar de bem intencionado era um

jovem imaturo, violento, impulsivo e sem fé religiosa; do outro Gandhi, velho, calmo, pacífico ao extremo e profundamente religioso.

Não resta dúvida de que o único método condizente com os princípios cristãos, para se lidar com qualquer pessoa, em qualquer situação em que acreditamos possuir um conhecimento e uma fórmula melhor para se resolver qualquer problema é o método pacífico, não violento e sóbrio. Mas estas são características que só a pessoa de fé possui, a pessoa que possui fé em Deus sabe que o caminho do progresso é inevitável, que todas as sociedades se transformarão e que apesar dos aparentes retrocessos momentâneos, a sociedade caminha sempre na direção do progresso, com a eliminação de todo tipo de opressão e injustiça. Munido deste conhecimento e da fé com Deus em dias melhores, esta pessoa estuda e abre sua mente para diferentes opiniões com humildade e respeito à aqueles que possuem opiniões divergentes, para aos poucos adquirir a convicção de que aquilo que defende é o melhor caminho para a sociedade e tentar de forma pacífica espalhar a ideia daquela nova forma de viver.

A não violência vai contra o instinto animal de auto defesa, a reação violenta é típica daquele que se sente ameaçado, acuado. O homem de fé, mais racional e espiritual, menos animal e irracional, não precisa nunca agir com violência, justamente porque sabe que até mesmo a perda de sua vida é coisa insignificante diante da eternidade, por isto não se sente intimidado e acuado, não precisando assim agir com violência. A revolução do homem de fé é gradual e pacífica e por isso mesmo sólida e duradoura.

O espiritismo cristão também nos ensina através da lei de ação e reação, que nenhum resultado positivo pode ser gerado a partir de uma ação negativa, violenta. O fim da escravidão não se deu com revoltas violentas, nem as conquistas na luta contra a machismo e a violência doméstica ou a luta contra a homofobia podem ser atribuídas ao uso de violência contra a violência sofrida, pois a violência, é claro, só gera mais violência e aqueles que se utilizam da

violência para perseguir e oprimir sempre o fazem de forma covarde, por perceberem que são mais fortes.

O bom cristão, como Gandhi (que se definia como cristão, judeu, mulçumano e indu) ou como Martin Luther King, sabe que a atitude mais cristã é evitar a agressão, mas, caso inevitável, oferecer a outra face. Confiante no progresso constante e na justiça divina ele não se desespera com as injustiças, os preconceitos e as calamidades sociais, não vê motivos para a revolta violenta e, pelo contrário, sente pena do agressor, pois sabe que o maior prejudicado é sempre aquele que comete a falta e é preferível estar na posição do injustiçado do que daquele que comete a injustiça. Munido deste conhecimento o cristão não se abala, e a indignação momentânea com o testemunho de uma injustiça não se transforma em perturbação e revolta violenta, ao contrário, ele tenta aliviar o sofrimento do injustiçado mas lembrando do mestre que ensinou “amai os vossos inimigos” também sente pena e tenta alertar e corrigir aquele que comete a falta.

Por fim, o homem de mente progressista, com fé em Deus e que deseja ver a sociedade terrestre transformada, não foge à luta. Ghandi e King eram pacíficos, mas também eram uma pedra no sapato de grupos racistas e políticos conservadores e como o nosso exemplo maior Jesus, deram a vida pela causa da justiça sem nunca verem abalada sua fé num mundo melhor.

Mudando a própria bolha

Os mecanismos das principais redes sociais tem favorecido a criação das chamadas “bolhas sociais”. Ao compartilhar ou dar o sinal de “joinha” em um texto, imagem ou vídeo, a programação interna destas redes registra o tipo de conteúdo que costumamos gostar e o tipo que costumamos rejeitar. Elas então propositalmente passam a nos mostrar mais e mais daqueles conteúdos de pessoas que compartilham dos mesmos gostos e preferencias, ao mesmo tempo também passam a esconder os conteúdos de pessoas que possuem ideias de que não gostamos. A intenção destas redes sociais é que, sendo expostos ao conteúdo que nos agrada, nós acabemos passando mais tempo dentro daquela rede, evitando que desviemos nossa atenção para outra atividade quando confrontados com um conteúdo ou opinião que nos contrarie.

O resultado desta seleção artificial de conteúdo é que acabamos sendo expostos apenas a ideias das quais já estamos convencidos e raramente somos expostos a opiniões muito diferentes das nossas. A tendência então é que acabemos cercados de amigos virtuais que pensam igual e ao mesmo tempo também convencidos de que nossa opinião, sobre os mais variados assuntos, é a opinião geral de toda a população.

Participando de redes sociais na internet, hoje é praticamente impossível não estar incluído em alguma destas bolhas. Todos aqueles assuntos que costumam gerar mais polêmica, como ideologias políticas, religião e até marcas preferidas de produtos, costumam ativar os mecanismos de filtragem das redes sociais para esconder da nossa visão as ideias divergentes e reforçar nossa convicção, nos expondo a conteúdos que carregam ideias similares às nossas. Uma maneira de não sofrer este tipo de isolamento dentro de uma bolha seria possuir uma dupla personalidade e dois perfis diferentes em uma determinada rede social. Teríamos que agir então como verdadeiros agentes infiltrados, concordando e reforçando opiniões das quais na verdade discordamos, só para poder continuar tendo acesso às ideias produzidas “do outro lado”.

Esta tendência a formação de bolhas e o isolamento que elas causam costuma ficar bastante evidente quando adicionamos alguém do nosso círculo real de contatos ao nosso círculo de amigos virtuais. Muitas vezes aquele colega de trabalho ou parente que acabamos de adicionar aos nossos contatos pertence a uma bolha bem diferente da nossa e, pelo menos por algum tempo, podemos ser expostos a ideias radicalmente diferentes das nossas. Surgem de repente informações que parecem ser bem comuns para outros grupos, mas que para nós são uma completa novidade. E esta exposição costuma durar até que os mecanismos automáticos se encarreguem de esconder aqueles conteúdos divergentes.

Cada um tem direito à sua própria opinião e, sendo espíritos imperfeitos, é impossível que estejamos sempre certos sobre tudo. Mas existem certos assuntos nos quais podemos ter razoável certeza de que estamos corretos, principalmente quando princípios básicos como o direito à vida, a igualdade ou a dignidade humana são desrespeitados. Não discordar diante de uma opinião extremamente racista por exemplo, poderia até ser entendido como uma concordância tácita de nossa parte, no mínimo seria uma omissão do nosso dever de esclarecer um irmão seduzido por ideias enganosas.

Na pergunta de número 573 de O Livro dos Espíritos encontramos alguns dos deveres dos espíritos encarnados: “573. Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados? Resposta: *Em instruir os homens*, em lhes auxiliar o progresso; em lhes melhorar as instituições, por meios diretos e materiais.”

A melhor maneira de tentar mudar o mundo para melhor é pela ação, as atitudes concretas de caridade, tolerância, paciência, trabalho, tudo o que possa ser entendido como a prática do amor ao próximo. Além do resultado concreto destas ações por nossa parte, também colaboramos para criar um mundo melhor pelo exemplo, pela inspiração para a prática do bem que estas atitudes podem provocar nos outros. Mas, ainda que em menor escala, nossas opiniões e ideias também podem exercer uma influência positiva na sociedade. Na era atual de fácil acesso à tecnologia, qualquer um

pode expor suas ideias, que podem ser compartilhadas com facilidade por muitas pessoas. É aí que as bolhas podem exercer um papel danoso. Isolados por um algoritmo que cria ligações apenas entre pessoas com ideias similares, é difícil para aqueles que desejam espalhar ideias positivas e progressistas verem suas ideias chegarem até aqueles que se encontram em círculos dominados por ideias preconceituosas e retrogradadas. Também por causa das bolhas sociais é muito mais difícil tentar espalhar ideias altamente inspiradas em círculos e grupos dominados por ideias chulas, não só porque os mecanismos automáticos se encarregam rapidamente de esconder estes conteúdos divergentes, mas também porque estas ideias tendem a se destacar muito e causar estranheza nos participantes daquela bolha.

Para “instruir os homens”, conforme o trecho que citamos de O Livro dos Espíritos, é útil questionar ideias retrogradadas, opinar e aconselhar, sempre de forma sutil, não querendo nunca impor suas ideias, mas apenas expondo sua discordância, como por exemplo no caso de uma opinião racista, mas sempre de forma pacífica, pois é impossível combater intolerância com mais intolerância. As palavras daquele irmão que expressa uma opinião infeliz são fruto da ignorância, ignorância do sofrimento das pessoas vítimas destes preconceitos, ou ignorância sobre as raízes históricas de problemas complexos que não se resolvem com raciocínio raso, ou simplesmente ignorância das vantagens de se praticar o bem no lugar do mal. Nossa posição portanto deve ser a de quem sente pena e não raiva, de quem tenta elucidar e não simplesmente de quem tenta vencer um debate, de quem espera sinceramente ver um irmão se melhorar e se libertar da ignorância que provavelmente, em maior ou menor grau, também possuíamos há não muito tempo atrás.

E a maneira mais eficaz de tentar espalhar boas ideias e opiniões é dentro da sua própria bolha, dentro daquele círculo de pessoas que possuem mais ideias em comum do que ideias divergentes. Tentar espalhar boas ideias dentro de um ambiente de pessoas com interesses e opiniões muito diversos dos nossos quase sempre resulta em rejeição total, pois a tendência é que as outras pessoas reforcem as opiniões uns dos outros contra a opinião divergente do

estranho. Seria similar ao cristão que tenta mudar a opinião dos fiéis de outra corrente religiosa, por exemplo tentando convencer a eles de que Cristo foi um exemplo de humildade, e que não faz muito sentido ostentar posses materiais como símbolo de progresso espiritual. Ele provavelmente seria rejeitado não porque seus argumentos não possuem fundamento, mas sim porque é um estranho tentando mudar a opinião de uma outra corrente religiosa. Mais útil seria tentar convencer os fiéis de sua própria religião.

Um outro exemplo que podemos dar é o da opinião a respeito do aborto, que para muitos, tanto na esquerda quanto na direita política é uma questão de liberdade ou um direito das mães. Inútil seria por exemplo para um defensor de ideias de esquerda tentar mudar a opinião de um defensor da liberdade do aborto dentro de um grupo de direita. Muito mais fácil seria tentar convencer as pessoas dentro dos grupos dos quais faz parte (neste exemplo os alinhados com a esquerda política) de que o aborto fere o direito à vida, e que o direito à liberdade das mães não se sobrepõe à liberdade e o direito à vida dos filhos. O mesmo pode se dizer por exemplo de um militante de direita que tenta convencer alguém dentro de um grupo de esquerda, de que a democracia é uma conquista fundamental da qual não se pode abrir mão, quando alguém nestes grupos estivesse defendendo a ruptura democrática para que um líder de esquerda assumisse o poder. Muito mais útil seria tentar mudar sua própria bolha, convencendo os simpatizantes da direita política de que não se deve nunca preferir uma ditadura a um governo eleito democraticamente, por pior que seja a opinião a respeito deste governo.

Quando os apóstolos perguntaram a Jesus porque ele falava por parábolas ele respondeu que o povo possuía o coração endurecido, mas que para eles, seus apóstolos, podia explicar com clareza o que significavam as alegorias da parábola do semeador. Jesus também procurava os sofredores e angustiados, muitos deles rejeitados pela sociedade, desde os mendigos até os ricos coletores de impostos como Zaqueu, porque estes estavam mais preparados para ouvir as palavras do evangelho, ao contrário dos orgulhosos doutores do templo que, mesmo sendo respeitáveis conhecedores das leis, não

estavam prontos para ouvi-lo. Até mesmo Jesus se conteve em pregar apenas para aqueles que estavam preparados para ouvir.

O debate franco e sincero, sem medo de nos expor e de admitir que podemos também estarmos errados, é a melhor maneira de espalhar boas ideias. O outro sempre possui suas razões para discordar e é quase impossível que seus motivos e sua perspectiva do assunto não possam contribuir um pouco para o nosso próprio esclarecimento. O exemplo de Jesus mais uma vez é o modelo ideal para aquelas oportunidades em que acreditemos poder contribuir com nossas ideias e opiniões, debater com muita humildade, sem impor mas apenas expor suas ideias, mas acima de tudo guiando-se pelo amor ao próximo e não pelo amor ao debate. Lembrando que a verdadeira vitória acontece quando a verdade se sobrepõe ao engano e por isso podemos nos considerar vitoriosos quando conseguimos convencer um irmão ou mesmo se descobrirmos que estávamos errados.

Quanto dinheiro eu preciso?

De quanto dinheiro eu preciso para ser feliz? Será que preciso de muito, ou será que é possível ser feliz com quase nada? Podemos escrever mais um texto onde se repete a frase “dinheiro não traz felicidade”, mas não é exatamente disto que iremos falar, pois apesar de saber que dinheiro (no sentido de muito dinheiro) não é a fórmula da felicidade, ainda assim permanece o fato de que o trabalho e as necessidades básicas de todos são reguladas pelo dinheiro. Para saber se estou buscando inutilmente (mesmo que sem perceber) a minha felicidade no acúmulo de bens materiais, eu preciso saber primeiro o quanto pode ser considerado um acúmulo ou excesso de bens materiais, o quanto é muito e o quanto é pouco dinheiro, que estilo de vida e de posses materiais é útil e necessário e que estilo de vida pode ser considerado extravagante ou materialista. Eu preciso saber onde é que fica, se é que existe, esta linha divisória.

À primeira vista esta pode parecer uma questão muito subjetiva, pois, o que é muito para um, é o mínimo para outro. Os espíritos mais evoluídos e que veem ao mundo em missões especiais, como Chico Xavier, Bezerra de Menezes e outras dezenas de exemplos de pessoas de todos os credos e culturas ao redor do mundo, provam que para ser feliz não é necessário quase nenhum conforto material. Mas isso é para eles, espíritos especiais, e quanto a mim? Qual será a medida do necessário e do supérfluo para mim, espírito imperfeito vivendo uma vida comum?

Em O Evangelho Segundo o Espiritismo aprendemos que o homem primitivo usava sua inteligência básica para se proteger do clima e contra as ameaças e que Deus concedeu a ele o desejo e a inteligência para aperfeiçoar suas condições de vida, com o trabalho constante motivado por esse desejo de melhoria “sua inteligência se desenvolve, sua moral se purifica”. (Cap. 25, 2) Assim, o desejo constante de obter uma condição melhor é uma lei natural para o animal racional. Enquanto que os seres irracionais se contentariam

apenas com alimento farto dentro de uma caverna, o ser racional quer sempre melhorar sua caverna, sua casa, sua cama, o seu ar-condicionado etc. e esta busca diária por melhores condições é essencial para o aperfeiçoamento do espírito. Mas ao contrário do ser irracional que se contenta com o necessário, a inteligência e o desejo de melhorar-se nos leva facilmente ao materialismo, que nos prende a um ciclo constante de ambição por condições melhores. A inteligência e o desejo de nos melhorarmos é ao mesmo tempo uma benção e um fardo, procuramos e conseguimos nos melhorar materialmente, mas não sabemos colocar um limite racional a esta busca e acabamos nos tornando prisioneiros dela.

Ainda em O Evangelho Segundo o Espiritismo vemos que o homem imperfeito muitas vezes não enxerga bens mais preciosos que os da terra e com isso “tudo faz para conseguir os únicos bens que para ele tem valor. A perda do menor de seus bens é um doloroso desgosto.” (Cap. 2,5) Já o homem de fé dá menos valor à vida material e aos bens passageiros “a importância atribuída aos bens terrenos está sempre na razão inversa da fé na vida futura”. Mas isso não significa que um homem de fé não precise tomar conta do seu presente. O instinto de melhoria de que falamos, nos impulsiona a querer estar na melhor condição possível, com o máximo de conforto que possamos alcançar, o que também ajuda a acalmar o espírito e libera a mente para trabalhar em favor do próximo. Portanto não existe nenhum tipo de limite natural ao máximo de conforto que os seres humanos encarnados na terra possam obter coletivamente. Não se deixando, é claro, cair nas armadilhas das paixões e prazeres do corpo, o homem pode sempre fazer evoluir seu estado material com a finalidade de obter mais segurança, saúde e conforto necessários para trabalhar mais e melhor.

Mas antes de nos deixarmos levar pela ideia de que, não existindo um limite natural para o conforto, eu posso então acumular bens sem me preocupar com mais nada, precisamos lembrar que o ser humano é um animal social. Não produzimos absolutamente nada sozinhos, basta olharmos em volta neste exato momento e não

encontraremos nada que não tenha dependido da mão de obra de pelos menos 2 ou 3 outras pessoas, a tela usada para ler este texto envolveu a mão de obra de literalmente milhares de pessoas.

A vida em sociedade possui algumas regras bem simples e de fácil compreensão por todos. Por exemplo, ao entrar em um transporte público vazio, pode-se ocupar dois ou três assentos e até deitar e tirar um cochilo sem incomodar ninguém, mas basta entrar alguns poucos passageiros e logo já nos sentiremos um pouco constrangidos e nos perguntaremos se não estamos sendo um incômodo para os outros ao deitarmos em vários assentos. E não precisamos de nenhuma regra de conduta escrita para saber que quando o ônibus ficar lotado, seria uma grande falta de respeito continuar deitado ocupando 3 lugares. O mesmo podemos dizer de um terreno na mata, sem dono, usado como ponto de acampamento e que possa ser ocupado livremente, mas à medida que o acampamento fosse ficando cheio de outras barracas, as minhas coisas espalhadas pelo terreno começam a incomodar os outros campistas. O mesmo vale para uma panela cheia de comida que eu encontro ao chegar em casa, eu posso comer à vontade se tiver certeza de que ninguém mais irá jantar, mas se descobrir que não sou o único, seria uma enorme falta de respeito devorar 3 pratos cheios e não deixar nada para os outros.

Regras como estas são tão óbvias que não precisam ser escritas, não precisamos de leis e regulamentos para saber que todo espaço ou bem compartilhado por outras pessoas deve respeitar um balanço entre as necessidades minhas e também as necessidades dos outros. O mesmo deveria valer para a quantidade de bens materiais que uma pessoa ou família poderiam desfrutar numa sociedade que produz tudo coletivamente. O limite onde termina o necessário e começa o supérfluo é sempre o limite social, o limite onde o meu estilo de vida começa a custar mais do que aquilo que a média da população poderia também obter. O limite é sempre o limite do prejuízo ao próximo, quando começo a reservar muito espaço, muita comida ou muito dinheiro para mim, começo a privar o próximo do direito de

também desfrutar destas coisas, mesmo que eu esteja agindo de forma honesta e não exista nenhuma lei que me proíba de fazer isto.

Mas é impossível estabelecer um limite fixo em valores ou em bens materiais, como a tecnologia evolui sempre, este limite está sempre mudando, ter 3 TVs na década de 70 seria uma extravagância, ter 4 TVs hoje é possível e razoável até para uma família de classe C. Portanto a medida do necessário e do suficiente muda conforme evolui a tecnologia, mas o necessário e o suficiente devem sempre ficar limitados ao que a sociedade como um todo for capaz de oferecer a todos os que participam do trabalho. Se um certo nível de conforto e de posses materiais não for possível de ser alcançado por todas as pessoas que trabalham e contribuem para o bem estar geral da sociedade, significa que este estilo de vida e de posses está em desacordo com aquela lei do equilíbrio.

Podemos concluir então que o equilíbrio e o bom senso são as medidas ideais para que eu não me torne prisioneiro de uma armadilha materialista, em uma sociedade que valoriza mais o status do que as boas ações. Não preciso de leis ou regulamentos que me digam como devo viver, assim como basta olhar a quantidade de passageiros e de assentos disponíveis no ônibus, também basta olhar à minha volta, na minha rua, meu bairro, minha cidade e ver se o estilo de vida que eu busco é acessível a todos ou se eu estou causando um desequilíbrio por não saber controlar minha ambição. Se estou tentando comprar um carro que poucos podem comprar, uma casa maior e melhor do que a maioria possui, se possuo roupas e aparelhos eletrônicos que a maioria não tem, provavelmente não estou contribuindo para o equilíbrio da sociedade e mesmo que eu seja bastante trabalhador e honesto, provavelmente existem muitos outros igualmente trabalhadores e honestos, mas que não foram agraciados com a mesma sorte que eu.

Se ainda não sou capaz de ser um exemplo de humildade e abnegação como Deus desejaria que eu fosse, ou como foram as almas iluminadas dos grandes mestres do espiritismo e do cristianismo, posso pelo menos por enquanto tentar não ser um ponto de desequilíbrio, o que com certeza trará muito mais

tranquilidade para a minha vida. Enquanto ainda não atingi este grau de evolução moral capaz de me libertar, me desapegar das ambições materialistas, vou tentando por enquanto ser mais feliz com um pouco menos, pois a experiência nos mostra que as almas mais felizes que já viveram na terra na verdade não precisaram de quase nada.

Mandamento ignorado

Alguns dos dez mandamentos são mais fáceis de se lembrar do que outros, os que quase sempre temos na ponta da língua são os que dizem para não matar, não roubar e não cometer adultério. Mas um que é um pouco mais difícil de nos lembrarmos e que, talvez não por coincidência, é o que mais desrespeitamos é o seguinte “Não desejarás a casa de teu próximo, nem seu servo, ou serva, nem seu boi, seu asno, ou qualquer outra coisa que lhe pertença.” Casa, servos, boi e asno resumem bem as posses mais valiosas de um homem comum daquela época em que viveu Moisés, ou seja, o mandamento poderia ser muito bem ser resumido na frase: “não invejarás”. Parece então que desde os tempos remotos da sociedade tribal dos israelitas, a inveja das posses materiais daqueles próximos a nós é um problema grave, tão grave que teve de ser escrito junto a outros princípios básicos, tão óbvios como não matar ou não roubar.

O grande motor dos principais desequilíbrios em nossas vidas é o egoísmo. O egoísmo é a mania que temos de dar muita atenção e muito valor ao nosso próprio ego, ele é também o pai do orgulho, que é a mania que temos de achar que somos, ou que devemos ser, melhores do que os outros. O orgulho é o que provoca a inveja que sentimos daqueles que possuem aquilo que não possuímos. A inveja não se assemelha àquele sentimento saudável que podemos possuir ao ver uma pessoa bem sucedida, com bom emprego, família e vida razoavelmente estável e que nos faz pensar: “esta pessoa parece estar muito bem, também gostaria de ter o que ela tem e acho que preciso aprender com ela, fazer como ela fez”, a inveja, pelo contrário, é o sentimento que nos faz pensar: “aquela pessoa está melhor do que eu, eu é que merecia estar no lugar dela, preciso fazer algo para não ficar mais por baixo”. Ou seja, a inveja é um sentimento destrutivo, motivado por um orgulho ferido, que leva o homem a desprezar aqueles que se destacam e a desejar alcançar um patamar acima dos outros, ou pelo menos acima da média. Para o invejoso, é mais importante estar acima da maioria do que propriamente estar bem.

É motivado por estes sentimentos inferiores que eu acabo dando muita importância em obter bens que me proporcionem status, que mostrem que estou sendo bem sucedido no meu trabalho ou que mostre que possuo bom gosto e sei apreciar bens de qualidade superior, de consumo típico dos mais abastados. Quando me alinho com este tipo de pensamento inferior, esqueço facilmente onde estaria o limite do desequilíbrio, o limite do necessário e suficiente e nem me preocupo em pensar se o meu estilo de vida requer um volume de bens e renda que não é possível para todos. Muito pelo contrário, se puder obter um estilo de vida que seja inacessível à maioria, isso agrada o meu ego invejoso que não tolera ver os outros materialmente melhores do que eu. A inveja, sendo um sentimento inferior, típico das almas ainda em estágios menos elevados de aprendizado, alimenta um certo sentimento de vingança, o invejoso deseja não apenas subir ao patamar daqueles que ele inveja, mas ultrapassa-os para poder se exhibir e “se vingar” ao provocar (ele imagina) o mesmo sentimento de inveja naqueles que antes estavam acima dele.

A corrida alucinada por símbolos de status, principalmente objetos como carros, joias, roupas de grife e até aparelhos eletrônicos de marca e os trilhões que esta indústria movimenta, são o principal indicativo do quando a humanidade ainda está presa no materialismo e na armadilha da inveja. Em O Evangelho Segundo o Espiritismo aprendemos que, ao contrário daquele que se dedica à vida material “O resultado da maneira espiritual de encarar a vida diminui a importância das coisas deste mundo, faz com que o homem modere seus desejos, se contente com sua posição sem invejar a dos outros, e atenua a impressão moral dos reveses e das decepções que ele experimenta. O homem adquire uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo quanto à da alma, ao passo que, pela inveja, pelo ciúme e pela ambição, tortura-se voluntariamente e assim aumenta as misérias e as angústias de sua curta existência.” (Cap. 5, 13). Como sabemos, a busca por uma vida mais confortável é algo natural e até mesmo uma necessidade para o aprendizado do espírito encarnado, mas muitas vezes esta busca se distorce e se transforma numa busca de uma vida da qual eu possa me orgulhar, que possa causar nos outros os sentimentos inferiores da inveja que carrego

comigo. Conforme explicado na citação acima, aquela busca natural e saudável por condições melhores, se transforma então em tortura mental para mim e também em fonte de desequilíbrio para a sociedade como um todo.

Mas evitar a cobiça não significa abandonar o trabalho e as posses materiais necessárias a uma vida normal. Muitos são os exemplos de pessoas que, chocadas com os desvios do materialismo, resolveram adotar um outro caminho radicalmente inverso, se afastando da vida em sociedade e dos deveres que ela impõe, adotando a vida do religioso isolado no mosteiro, do hippie despreocupado ou do mendigo pedinte. Devemos lembrar que o próprio Cristo não escolheu vir à terra como um mendigo, ele trabalhava e vivia como uma pessoa simples de sua época, somente adotando o estilo de vida típico dos religiosos em peregrinação evangelizadora aos 30 anos de idade. O mesmo podemos dizer de Chico Xavier, que permaneceu trabalhando como funcionário público de nível subalterno até se aposentar, vivendo uma vida simples mas não miserável, devido à sua vocação para a caridade escolheu uma vida de sacrifício e humildade que beirava a pobreza, mesmo podendo reivindicar dezenas de milhões de reais em direitos autorais de seus livros. Novamente em o Evangelho Segundo o Espiritismo encontramos no capítulo 16 item 14: “O Senhor não ordena a ninguém desfazer-se do que possua para se reduzir a mendigo voluntário, porque, então, se tornaria uma carga para a sociedade. Agir desse modo seria compreender mal o desprendimento aos bens terrenos; é um egoísmo de outro modo. Seria fugir à responsabilidade que a riqueza faz pesar sobre aquele que a possui.” e ainda no capítulo 17 item 10: “Não acrediteis, contudo, que, incentivando vossa dedicação à prece e à evocação mental, desejamos vos levar a viver uma vida mística, que vos coloque fora das leis da sociedade, onde estais obrigados a viver. Não; **vivei com os homens de vossa época, como devem viver os homens.** Mas se renunciardes às necessidades, ou mesmo às banalidades do dia-a-dia, fazei-o com um sentimento de pureza que possa santificá-las.”

Mas o que exatamente significa o trecho grifado acima: “vivei com os homens de vossa época, como devem viver os homens.”? Como devo

viver se os homens de nossa época possuem os mais variados níveis de riqueza? É aí que entra o bom senso e o equilíbrio. Desejando ser um homem de bem, busco na minha fé em Deus e no futuro, a paz que as riquezas materiais não podem me proporcionar, ao mesmo tempo em que não desejando concentrar o supérfluo que faz falta ao meu semelhante, nem me afundar na pobreza que me torna um peso para os outros, vivo como um cidadão médio de minha época, sempre tentando me distanciar daqueles bens que só me trazem um status inútil e preferindo aqueles que me trazem conforto e segurança para trabalhar mais e melhor.

Viver uma vida de equilíbrio e sobriedade em uma sociedade tão desequilibrada e tão desigual é por si só um desafio. O egoísmo coletivo dos homens criou uma sociedade extremamente dividida, onde muitos tem pouco e poucos tem muito, o que torna difícil saber exatamente onde fica o meio termo, onde está o ponto de equilíbrio, o que exatamente significa “vivei com os homens de vossa época, como devem viver os homens.” Por outro lado, ser mais um invejoso é muito fácil, a inveja é um sentimento tão comum que quase se tornou uma regra de conduta social, ao ponto de aquele que não demonstra possuir inveja e não adquire bens materiais que provocam inveja nos outros é muitas vezes tratado como uma pessoa meio estranha.

Mas por mais distorcidos que estejam os valores da sociedade, se eu tento controlar um pouco o meu ego e meu orgulho, consigo facilmente atenuar este sentimento de inveja. Abafando um pouco da minha inveja consigo interromper esta busca incessante por status e logo percebo que boa parte daquilo que eu considerava essencial é na verdade supérfluo, minha vida fica mais leve, mais barata também, o dinheiro que me faltava para minhas futilidades agora me sobra para coisas realmente úteis. Não me deixando levar pelos modismos e pela onda do “todo mundo já tem isso, só eu que ainda não comprei” também evito a manipulação das excelentes campanhas publicitárias, elaboradas por grupos de psicólogos, sob encomenda para atingir pessoas exatamente iguais a mim. Assim eu troco o “todo mundo tem menos eu” pelo “acho que isso pode ser bom para mim”, “vai ser útil” ou “vai me trazer conforto”. O que os

outros possuem e o que “todo mundo” está consumindo, deixam de ser importantes, um efeito colateral deste novo comportamento é que começo a me tornar uma pessoa estranha, que não participa dos modismos, não gasta tudo que tem para obter aquele último modelo e sentir aquela alegria fútil ao provocar olhares de inveja nos outros.

O mandamento que traduzimos como “não invejarás” estava lá já há três mil anos e parece que depois deste tempo todo ainda não conseguimos assimilar esta lição. Os publicitários sabem muito bem disso e em plena civilização moderna, que se baseia nos ideais de igualdade e liberdade, ainda conseguem nos manipular usando a nossa inveja para que não desejemos igualdade, mas sim estar acima dos outros e com isso acabamos também abandonando nossa liberdade para nos transformarmos em verdadeiros zumbis do consumismo. Uma frase que resume bem esta nossa maneira de viver é atribuída ao psicanalista Adam Phillips: “A ideia de uma vida boa foi substituída pela de uma vida a ser invejada”, ou seja, nos importamos mais hoje em obter uma vida material que provoque inveja nos outros, do que propriamente uma vida boa ou feliz, a inveja e a necessidade de provocar inveja nos outros subiu ao topo das nossas prioridades, desbancando a preocupação com a nossa própria felicidade.

Esta maneira de viver acabou moldando, em grande escala, a economia em torno dos bens de consumo voltados para o mercado do exibicionismo, bens que podem ser úteis e ter qualidade razoável, mas nos quais a qualidade e utilidade são preocupações secundárias. É comum hoje pagarmos caro em um item que traz status imediato, e após a aquisição nos vemos muitas vezes numa posição defensiva de quem tenta justificar um gasto excessivo num item de pouca utilidade. Muitos economistas são inclusive levados ao erro de acreditar que a inveja seria algo necessário, um motor da economia sem o qual não poderíamos viver, quando na verdade ela é o motivador de uma distorção, a indústria da inveja desvia recursos da economia para a produção de bens menos úteis do que se poderia obter com o mesmo esforço. A indústria da inveja e do exibicionismo é um entrave ao desenvolvimento tecnológico pois força a alocação de recursos na produção de bens com uma relação custo/benefício

muito pior do que se poderia obter caso o fator “status” fosse ignorado.

Assim, concluímos que o consumo de bens motivados pelos modismos, que possuem como motor principal esta indústria da inveja, não são de forma alguma algo positivo para a humanidade. Da mesma forma, o que não faz bem para o coletivo também não faz bem para o indivíduo, pois este tipo de consumismo gera preocupações e ansiedades inúteis, motivadas por sentimentos inferiores. O que precisamos é aprender a viver diferente, ignorar os modismos e tentarmos quem sabe imitarmos um pouco o Cristo. Na sua breve passagem pela terra ele não escolheu encarnar como mendigo, mas também não quis vir ao mundo como homem rico e poderoso, ele trabalhava e era útil à sociedade de seu tempo. Quando se tornou o pregador do evangelho, não escolheu viver isolado do mundo ou então perambular por aí vestido em farrapos e se alimentar de restos, mas também não se deixou levar pelos modismos e exibicionismos típicos dos sacerdotes daquela época, não usava roupas especiais de sacerdote para se destacar, não adotou cerimoniais complexos e não se misturou ao poder político e religioso. Aquela imagem comum de cristo representado como um rei, sentado em um trono de ouro e usando uma coroa é uma distorção típica dos que não entendem o caráter humilde de cristo e do seu evangelho. A imensa luz do cristo, assim como a pequena luz que nós espíritos inferiores possuímos, não vem do brilho do ouro que possamos exibir, mas do brilho natural que surge da alma daquele que escolhe a vida humilde.

Felicidade para poucos.

Frequentemente em conversas com amigos em que falamos sobre as dificuldades e problemas comuns desta vida, surge algum comentário com a ideia de que a felicidade só foi feita para poucos. Quase sempre esta ideia está ligada ao conceito errôneo de que dinheiro significa felicidade, conceito este que aos poucos vamos conseguindo deixar para traz, pois “a riqueza é, de ordinário, a prova mais perigosa do que a miséria.” Mas esta ideia, de que a felicidade só é possível para poucos, está ancorada em outra ideia, a de que a riqueza, que acreditam ser necessária à felicidade, só é possível para poucos.

Em O Evangelho Segundo o Espiritismo encontramos a afirmação de que “Está matematicamente demonstrado que, se a riqueza fosse igualmente repartida, daria a cada qual uma parte mínima e insuficiente;” (cap. 16, 8) o que parece corroborar a ideia de que esta riqueza com a qual muitos sonham, não é possível para todos. A afirmação faz sentido, pois a própria definição de riqueza já traz em si a ideia de que esta é uma condição restrita a uma minoria, pois, riqueza exprime uma relação de proporção, assim como os conceitos de claro e escuro, alto e baixo, rápido e lento etc. riqueza e pobreza são grandezas relativas, não se pode ser rico se não houver outros em situação pior com quem se possa comparar, ninguém é rico ou pobre se não puder ser comparado com mais alguém. Portanto faz sentido a ideia de que uma riqueza distribuída a todos, eliminaria automaticamente todas as riquezas.

Já em outro trecho do mesmo livro lemos que “A Terra produzirá o suficiente para alimentar a todos os seus habitantes quando os homens souberem administrar os bens que ela dá, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo. Quando a fraternidade reinar entre os diversos povos, como entre as províncias de um mesmo império, o supérfluo momentâneo de um suprirá a insuficiência momentânea do outro, e todos terão o necessário.”

(cap. 25, 8) E ainda em “Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que gostaríamos que nos fizessem. Toda religião e toda moral se encontram nesses dois ensinamentos. Se eles fossem seguidos aqui na Terra, seríeis todos perfeitos, sem ódios, sem conflitos. Direi mais ainda: sem pobreza, visto que, do excesso das sobras da mesa dos ricos, muitos pobres se alimentariam.” (cap. 13,9) Destas duas últimas citações podemos concluir que toda pobreza e toda privação do necessário existente hoje na terra, se devem à própria inferioridade de nossas estruturas sociais que refletem nosso egoísmo e impedem “a fraternidade reinar entre os diversos povos”.

Podemos ainda pensar em dois sentidos para a riqueza, o primeiro significaria ter muitos bens, ser muito rico em relação aos demais homens, o que equivalia a ter alguns bois na idade média, ou a ter milhares de bois nos dias atuais. O outro sentido de “riqueza” significaria apenas ter suas necessidades satisfeitas, o que pode acontecer quando se tem muito no caso do egoísta, ou quando se tem o equivalente à média dos outros homens, no caso das pessoas menos egoístas. Neste segundo sentido “riqueza” ou a parcela de bens suficiente para aliviar o sofrimento e não atrapalhar a felicidade do homem, é possível sim para todos, conforme explicam os espíritos.

Contrariando também aquela ideia de que a felicidade (entendida como a satisfação das necessidades materiais) não é possível para todos e que temos de nos conformar em viver em um mundo onde alguns estão naturalmente destinados a sofrer, podemos citar o exemplo do exercício proposto pelo filósofo Michael Sandel. Ele pede para que imaginemos uma cidade onde todos pudessem ter todos os bens necessários a uma vida confortável e feliz, mas sob a condição de que uma criança teria de ficar isolada em uma condição muito ruim e sofrendo sozinha. O pensador argumenta que não pode ser justo um sistema em que a felicidade de uns dependa da infelicidade de outros, mesmo que seja a infelicidade de apenas uma pessoa e que no geral a média da felicidade de todos fosse muito maior do

que antes. O espiritismo nos ensina algo parecido ao expor a falta de lógica na ideia da igreja tradicional de que os espíritos no céu conseguiriam ser eternamente felizes, ao mesmo tempo em que alguns de seus entes queridos arderiam eternamente no inferno.

Esta felicidade dos eleitos no paraíso ou dos habitantes daquela cidade imaginária é uma felicidade egoísta, e não pode ser considerada uma felicidade real, mas apenas a satisfação de desejos egoístas, pois a real felicidade é aquela baseada no amor ao próximo, a felicidade daquele que vê os outros felizes. Mas teorias baseadas neste conceito distorcido de felicidade são bastante comuns no discurso político. Recentemente no Brasil vimos ressurgir no debate sobre a reforma do sistema previdenciário, ideias que trazem na sua raiz este conceito distorcido de felicidade. Muitos insistem que é necessário impor mudanças que na prática irão excluir o direito a aposentadoria de milhões, para que seja possível “salvar o sistema” e manter os benefícios para pelo menos alguns, mas será que um sistema que não garante um mínimo de dignidade para todos já não é em si um sistema falido? Teorias econômicas que pregam ideias como a do “crescer o bolo para depois dividir” também possuem raízes neste mesmo tipo de filosofia egoísta em que o sofrimento de alguns é apresentado como necessário ao “bem-estar geral”.

Uma sociedade que se possa chamar de cristã, não pode ser aquela onde a felicidade de uns depende de um sistema onde alguns sempre deverão ficar excluídos. Onde a “felicidade” ou a satisfação das necessidades materiais básicas, não seja possível para todos, mas apenas privilégio de uma minoria. Se o nível atual de tecnologia e capacidade produtiva não permite que todos tenham um alto padrão de vida com que alguns sonham, então não é justo que em busca deste alto padrão, uma minoria tire da maioria o direito ao básico. E mesmo que exista crescimento econômico e que os especialistas na TV estejam muito satisfeitos com os números dos rendimentos desta minoria, uma economia que não forneça o básico para uma grande parcela da população não poderá nunca ser considerada uma economia saudável.

Toda esta distorção de valores é apenas um reflexo das nossas imperfeições, do nosso materialismo. O espiritismo, sendo uma doutrina que provém dos espíritos que conhecem as raízes dos nossos problemas, oferece soluções lógicas e simples para as nossas questões sociais. Ao invés de propor soluções mirabolantes, propõe simplesmente a caridade e a solidariedade como sistema universal de governo. Ao invés de apoiar o homem tolo na sua busca por uma felicidade baseada na satisfação de seus caprichos, explica que a satisfação das paixões é motivo para que o homem não evolua “O homem que se considera feliz na Terra, porque pode satisfazer às suas paixões, é o que menos esforços emprega para se melhorar. Muitas vezes começa a sua expiação já nessa mesma vida de efêmera felicidade, mas certamente expiará noutra existência tão material quanto aquela.” (Questão 983) E ainda “O homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual tem, na Terra, penas e gozos materiais. Sua felicidade consiste na satisfação fugaz de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, se conserva numa ansiedade e numa tortura perpétuas” (Questão 941).

Em o livro dos espíritos encontramos ainda uma explicação do que consiste a felicidade para o espírito encarnado neste planeta, na questão 922: “A felicidade terrestre é relativa à posição de cada um. O que basta para a felicidade de um, constitui a desgraça de outro. Haverá, contudo, alguma soma de felicidade comum a todos os homens? Resposta: Com relação à vida material, é a posse do necessário. Com relação à vida moral, a consciência tranqüila e a fé no futuro.” Os espíritos separam os conceitos de felicidade em relação à vida material e felicidade em relação à vida moral, afirmando que a felicidade possível para todos os homens em relação à vida material consiste na “posse do necessário”, já em relação à vida moral “a consciência tranqüila e a fé no futuro”. Pois é justamente a cegueira em relação à felicidade da vida moral que faz os homens tentarem preencher este vazio, se concentrando na acumulação dos bens materiais, como se um excesso de um tipo pudesse suprir a falta do outro. O resultado é que justamente a

acumulação inútil de uns é que impede a “posse do necessário” aos outros.

Ainda em O Livro dos Espíritos vemos que ao contrário da grande maioria dos homens apegados ao materialismo “O homem moral, que se colocou acima das necessidades factícias criadas pelas paixões, já neste mundo experimenta gozos que o homem material desconhece. A moderação de seus desejos lhe dá ao Espírito calma e serenidade” (Questão 941). Este homem não tenta preencher o vazio moral com um excesso de felicidade material, ele busca apenas a posse do necessário, aquela que é possível a todos, e vai preencher sua felicidade moral com o trabalho em favor do próximo. A busca por esta felicidade, que é possível a todos, impõe que devemos em primeiro lugar mudar nosso foco, desistindo da corrida inútil que tenta preencher o vazio moral com excesso material, e assim também acabamos incentivando os outros à nossa volta a adotarem um estilo de vida mais simples. A solução para os problemas sociais e econômicos não é tão complicada quanto muitos fazem parecer, não faltam nem recursos nem pessoas dispostas a trabalhar duro oferecendo sua contribuição à sociedade. Como sempre, o que falta mesmo ao homem é um pouco mais de amor ao próximo.

A necessidade da riqueza

Vivemos num mundo de extrema desigualdade, isso é fato, outro fato porém é que Deus permite esta situação. Se acreditamos na bondade e na justiça divina, então esta desigualdade deve ter algum motivo e alguma utilidade para o progresso moral do ser humano. Mas qual seria exatamente esse motivo ou essa utilidade? Será que a concentração de riqueza é mesmo necessária?

Dentro da doutrina espírita encontramos nas obras básicas como O Livro dos Espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo a lição frequente dos espíritos dizendo que aquele que é agraciado com a fortuna na terra não é dono e sim usuário temporário e, como Jesus deixou claro na parábola dos talentos, a fortuna material é uma graça ou talento do qual devemos produzir frutos e pelos quais seremos um dia cobrados.

No contexto político e social da época em que as obras básicas da doutrina espírita foram escritas, era comum que os homens respeitados na sociedade usassem sua riqueza para financiarem sozinho a invasão e escravização de nações inteiras no continente africano. Também era comum que possuidores de grandes fortunas se juntassem para formar companhias privadas especializadas no tráfico de drogas como o ópio para a China ou então no tráfico de escravos para a América. Dentro deste contexto, a sugestão da doutrina espírita de que os homens afortunados usassem sua riqueza exclusivamente para negócios que não prejudicassem o semelhante e que procurassem ajudar o próximo, um mínimo que fosse, já podia ser considerado uma doutrina radicalmente pacifista e benevolente.

Vejam um exemplo de um trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo em que somos convidados, não a abrir mão da fortuna em favor da caridade, mas “pelo menos” ajudar com o nosso supérfluo:

“Deus vos emprestou, deveis restituir, e Ele vos empresta sob a condição de que o supérfluo, **pelo menos**, reverta em favor daqueles que não têm o necessário. Um dos vossos amigos vos empresta uma soma; por pouco que sejais honesto, tereis a preocupação de lhe restituir o empréstimo, e lhe ficareis agradecido. Pois bem, essa é a posição de todo homem rico: Deus é o amigo celeste que lhe emprestou a riqueza; pede-lhe apenas o amor e o reconhecimento, mas exige que, por sua vez, o rico dê também aos pobres, que são, tanto quanto ele, seus filhos.” (Cap. 16, 14)

Pregar universalmente a justiça social naquele mundo do século 19, onde o racismo e a escravidão ainda eram aceitos com naturalidade pela maioria das pessoas, onde as mulheres não tinham praticamente nenhum direito de cidadania, onde não existiam organizações como a ONU ou a Declaração Universal dos Direitos do Homem e em pleno ápice do colonialismo europeu, seria mesmo impossível. Prega-se então “pelo menos” a caridade material daqueles que possuem muito. Mas, apesar dos espíritos que ajudaram a estabelecer as bases da doutrina espírita não atacarem diretamente as instituições sociais da época, de forma alguma podemos afirmar que eles concordassem com a ideia que a desigualdade e a injustiça social sejam normas estabelecidas por Deus, como eles mesmos deixam bastante claro na resposta à pergunta 806 de O Livro dos Espíritos: “806 É lei da Natureza a desigualdade das condições sociais? Não; é obra do homem e não de Deus.”

Mas sendo o espiritismo uma doutrina lógica e racional, logo adiante vemos também que os espíritos não endossam teorias radicais que pregam por exemplo uma igualdade **absoluta** de riquezas, como na resposta à pergunta número 811: “811. Será possível e já terá existido a igualdade absoluta das riquezas? “Não; nem é possível. A isso se opõe a diversidade das faculdades e dos caracteres.”

Como seria possível um jovem imaturo e um velho experiente terem uma igualdade absoluta de riquezas? Um com conduta precavida e

outro com conduta irresponsável, mas usufruindo exatamente do mesmo nível bens. É fácil concluir que isto seria um sistema injusto, além do mais, como o jovem imaturo aprenderia com seus erros se eles não trouxessem nenhuma consequência? E quanto ao empreendedor com espírito aventureiro comparado ao homem simples, modesto e precavido? É disto que se trata a tal “diversidade das faculdades e dos caracteres”, pois não faria sentido um sistema que forçasse todos a terem sempre exatamente a mesma quantidade de posses em todas as situações.

Mas isto não significa que os espíritos endossem a conduta do egoísta que acumula capital e o usa como ferramenta para explorar seu semelhante. Muito menos ainda podemos dizer que os espíritos endossariam a conduta daquele que enriquece às custas da fraude, como se verificou na conduta de grandes empresários em vários episódios da política nacional dos últimos tempos.

Além das pequenas desigualdades naturais, como o tamanho da família, os gostos pessoais, o espírito aventureiro ou conservador, para que mais poderiam servir as desigualdades? Será que a desigualdade tem alguma função especial na economia?

Na época em que as obras básicas foram escritas, existia uma forte crença de que a fortuna concentrada nas mãos de uma aristocracia era uma benção geradora de riqueza para o resto da população, e não faltavam teóricos para defender a concentração de renda. Alguns economistas como Malthus, chegavam a afirmar que a miséria e todas as mazelas associadas a ela como as epidemias, as mortes prematuras de crianças, a fome etc. eram bênçãos de Deus, que ajudavam a evitar um “excesso de população”.

Naquele mundo, não muito distante, de uma Europa extremamente rica por um lado e ao mesmo tempo com uma população miserável, a concentração de riqueza era defendida como uma fonte de progresso para toda a sociedade. Mas o mesmo não pode ser dito a respeito da economia nos dias de hoje. Ao contrário daqueles tempos de participação mínima do estado na economia, hoje as maiores

empresas de praticamente todos países são extremamente dependentes dos recursos públicos, como os subsídios, os financiamentos como juros abaixo do mercado, o investimento dos governos em tecnologia nos centros de pesquisa, os contratos e licitações para fornecimento de bens aos governos ou as operações de salvamento empresas falidas. Hoje, pelo contrário, o capital privado é que se pode considerar dependente do investimento público, e é praticamente impossível encontrar uma grande empresa no mundo que já não tenha sido salva pelo menos uma vez por recursos públicos.

Voltando à pergunta: A riqueza e concentração de renda são necessárias no mundo de hoje? A única resposta possível é sim, pois Deus não permitiria o sofrimento desnecessário. Mas não pelos motivos que se defendia a concentração de riqueza no passado. No mundo de hoje a defesa desigualdade como fonte criadora da prosperidade na economia não se sustenta mais. Mas ela persiste exatamente pelo mesmo motivo já explicado pelos espíritos a 150 anos “é obra do homem e não de Deus” que cria para si mesmo a injustiça da qual acaba sendo vítima. O homem egoísta apoia um sistema baseado na desigualdade e, na esperança de um dia estar no degrau mais alto da escala social, se vê vítima das injustiças que apoia. Como os alunos que se sujeitam a todo tipo de abuso para serem aceitos em uma fraternidade das universidades americanas, com a esperança de um dia eles também poderem abusar de outros calouros.

Mas devemos lembrar que nem todo o mundo é igual, existem países que se saem melhores ou piores em relação ao combate à desigualdade. Em muitos países europeus é possível encontrar uma grande classe média, onde ninguém possui exatamente o mesmo nível de riqueza que ninguém, mas também não existe miséria extrema. Contrariando o mito de que uma sociedade mais igualitária seria constituída de pessoas manipuladas, sem opinião, usando roupas e cortes de cabelo iguais, consumindo as mesmas coisas, na verdade a Europa, mesmo que ainda muito imperfeita, dá exemplo

liberdade de expressão e diversidade cultural. Isto acontece porque em uma sociedade sem grande diferença de riqueza e de poder entre os cidadãos, mais pessoas passam a ter o direito de opinar e criam-se assim sociedades mais pluralistas e tolerantes.

Na contramão deste caminho estão os países que se deixam levar pelo discurso da intolerância, que visa conservar tudo de ruim que existiu no passado como o machismo, o preconceito, a homofobia etc. O discurso da intolerância é muito útil àqueles que desejam manter a sociedade dividida entre os que podem e os que não podem, os que mandam e os que obedecem.

O Brasil está se aproximando de um momento onde deveremos escolher qual o caminho que nossa sociedade vai tomar, que tipo de país queremos ser no futuro. Uma sociedade mais igualitária, menos preconceituosa e intolerante, ou nos mantermos como uma sociedade desigual, cheia de velhos preconceitos raciais e religiosos e onde as mulheres valem menos.

A raiz dos preconceitos está no egoísmo daqueles que se encontram atualmente em uma posição privilegiada e que resistem em abrir mão de seus privilégios. Acuado por aqueles que desejam igualdade de direitos, o egoísta parte para o ataque e como resultado acaba criando uma sociedade intolerante e violenta da qual ele mesmo se torna vítima. A literatura espírita confirma isto descrevendo inúmeros casos de pessoas que em determinada encarnação abusaram de seus privilégios, mas que se viram obrigadas a reencarnar na mesma posição daqueles de quem abusou.

Nós, espíritos ainda imaturos e egoístas, estamos constantemente aprendendo com nossos erros. Aprendemos pela experiência e pelo sofrimento a dividir e compartilhar, sejam bens materiais, direitos ou o simples respeito mútuo. Por hora, a desigualdade material é um mal inevitável, inerente à nossa própria inferioridade como indivíduos e como sociedade. Cabe a nós começar a criar hoje um mundo melhor, onde a desigualdade extrema, a injustiça e os preconceitos existam apenas nos livros de história.

Riqueza para fazer o bem

A maioria das pessoas possui o desejo de ter sucesso profissional e luta para conseguir ser bem sucedido. Um desejo natural de ter uma boa profissão, trabalhar com dedicação, sustentar sua família, ser útil e reconhecido como competente naquilo que faz.

Às vezes adicionamos um pouco mais a isto, além de apenas ter um trabalho e estabilidade financeira, desejamos também um pouco do que podemos chamar de fortuna, um nível de renda que está além da média das outras pessoas e desejamos isto como a intenção de praticar ações de caridade. Dizemos então que iremos poder viajar pelo Brasil ou pelo mundo executando ações de ajuda aos necessitados, ou que iremos instituir uma obra assistencial ou construir casas, distribuir alimentos etc.

Em relação a esta ambição muito comum, foi perguntado aos espíritos na questão de número 902 de O Livro dos Espíritos:

“902. Será reprovável que cobicemos a riqueza, quando nos anime o desejo de fazer o bem? Resposta: Tal sentimento é, não há dúvida, louvável, quando puro. Mas, será sempre bastante desinteressado esse desejo? Não ocultará nenhum intuito de ordem pessoal? Não será de fazer o bem a si mesmo, em primeiro lugar, que cogita aquele, em quem tal desejo se manifesta?”

Os espíritos respondem com outra pergunta, questionando se aquele que possui este desejo não está na verdade querendo se beneficiar em primeiro lugar e utilizando a caridade como um pretexto, cobiçando na verdade a riqueza. Apesar de ser digno de elogio qualquer projeto ou intenção de ajuda aos necessitados, existe realmente uma certa contradição que chama a atenção e por isso levanta esta desconfiança na atitude daqueles que cobiçam a riqueza como instrumento de prática da caridade. Ser rico com a única intenção de praticar atos de caridade significaria na verdade abrir

mão de todos os privilégios e continuar a viver como uma pessoa normal.

Mas não é assim que geralmente imaginamos nossa futura vida de abundância e caridade. Quando imaginamos ou aspiramos por exemplo nos tornarmos empresários muito bem sucedidos e promover obras de caridade, não pensamos em abrir mão de todos os privilégios e do estilo de vida típico das pessoas desta classe social. Guardadas as devidas proporções, pensamos um pouco como o camponês que queira assumir o comando de um reino da idade média declarando como única intenção governar bem e ajudar o povo, mas sem abrir mão das roupas finas, dos serviçais, da comida muito farta e da vida de pouco trabalho e muitos prazeres típica de um rei. Ou como o líder guerrilheiro revolucionário que só queria se sacrificar pelo povo oprimido, mas que agora deseja passar o resto de sua vida num palácio com todos os confortos que o povo nunca vai poder ter.

Muitos dos que sonham com a obtenção de uma fortuna para poderem praticar obras de caridade, na verdade nem tiveram acesso a ela e já se imaginam cedendo a algumas das tentações da riqueza. Conforme explicam os espíritos na resposta da pergunta de número 816 do mesmo livro:

“816. Estando o rico sujeito a maiores tentações, também não dispõe, por outro lado, de mais meios de fazer o bem? Resposta: Mas, é justamente o que nem sempre faz. Torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Com a riqueza, suas necessidades aumentam e ele nunca julga possuir o bastante para si unicamente.”

É justamente aí que mora o perigo. O acesso à riqueza muda a maioria das pessoas, elas aos poucos começam a se adaptar ao consumo de bens que não tinham acesso anteriormente e logo se veem prisioneiras deste estilo de vida. A maioria de nós, quando sonha com a obtenção de riqueza para praticar obras de caridade, não tem a coragem e a resolução firme de abrir mão de todo e qualquer privilégio. No fundo, já aceitamos a ideia de talvez no futuro

acabarmos cedendo a algumas daquelas tentações como a ociosidade, os itens de luxo etc.

O que precisamos entender é que a suposta felicidade da riqueza, dos supérfluos e da ideia do trabalho como uma fonte de diversão e prazer é enganosa, aqueles que são expostos a estas tentações estão na verdade enfrentando uma prova. Enxergamos apenas as alegrias dos privilégios de uma vida supostamente abençoada e acabamos por imaginar uma estranha combinação, uma vida de prática da caridade e amor ao próximo, junto com privilégios e regalias, que seriam mais típicos de uma mente egoísta.

Perguntados sobre a riqueza e a pobreza os espíritos deixam claro que ambas são formas de provar o nosso caráter:

“Pergunta 814: Por que Deus a uns concedeu as riquezas e o poder, e a outros, a miséria? Resposta: Para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com freqüência.”

“Pergunta 815: Qual das duas provas é mais terrível para o homem, a da desgraça ou a da riqueza? Resposta: São-no tanto uma quanto outra. A miséria provoca as queixas contra a Providência, a riqueza incita a todos os excessos.”

Tendo a consciência de que uma vida dedicada à caridade e ações em benefícios dos necessitados não é uma vida de privilégios materiais e sim uma vida de sacrifício com algum nível de privação, podemos perceber que a ideia de uma vida com certa abastança concomitante com a prática sincera e desinteressada da caridade é uma ilusão. Na verdade é mesmo uma contradição desejar mais para si mesmo para poder praticar o desapego. Os espíritos deixam claro que a fortuna material é sempre uma prova que tem como finalidade testar nossa moderação e nossa humildade. Esta característica da riqueza como prova e não como privilégio também está bastante explícita nesta passagem de O Evangelho Segundo o Espiritismo “Como o vento varre a poeira, que o sopro dos Espíritos elimine vossa inveja contra os ricos do mundo que, freqüentemente, são os mais miseráveis, pois

suas provas são mais perigosas que as vossas.” (Cap. 6,6) E ainda mais adiante no capítulo 13 a sinceridade das boas intenções da maioria daqueles que desejam obter fortuna para prática da caridade também neste livro é questionada:

“Muitas pessoas lamentam não poder fazer todo o bem que desejariam por falta de recursos suficientes e desejam a riqueza, dizem elas, para fazer da fortuna um bom uso. Sem dúvida a intenção é louvável e talvez muito sincera em alguns, mas será que é totalmente desinteressada em todos? Não há aqueles que, desejando fazer o bem aos outros, ficariam felizes se começassem primeiro a fazer o bem para si mesmos? Se permitirem mais prazeres, se proporcionarem um pouco mais do luxo que lhes falta, com a condição de darem o resto aos pobres? Esta segunda intenção, oculta, disfarçada, que encontrariam no fundo de seus corações se o interrogassem, anula o mérito da intenção, visto que a verdadeira caridade faz o homem pensar primeiro nos outros, para depois pensar em si mesmo. O sublime da caridade, neste caso, seria procurar em seu próprio trabalho, pelo emprego de suas forças, de sua inteligência e de seus talentos, os recursos que faltam para realizar suas intenções generosas.” (Cap. 13,6)

Assim, entendemos que obter uma fortuna com a qual se possa ajudar muita gente e ao mesmo tempo não se colocar como primeiro beneficiário desta fortuna, significa não mudar seu estilo de vida, a menos que se viva atualmente em uma situação de dificuldade pior do que a média das outras pessoas. Viver de acordo com este princípio, munido do verdadeiro desejo desinteressado de prática da caridade, significa ser apenas administrador da fortuna emprestada por Deus. É o mesmo que ser um funcionário público encarregado de distribuir ajuda aos necessitados, mas que não pode e nem deve se apropriar de nenhuma parte daquilo que lhe foi confiado. O servidor público honesto que sabe das suas responsabilidades não pode aceitar nem mesmo favores ou qualquer privilégio, mesmo que seja apenas uma “reforminha” num apartamento.

Ainda em O Evangelho Segundo o Espiritismo encontramos a explicação de que muitas vezes nos é negado acesso aos recursos que pedimos com uma boa intenção, como a de praticar a caridade, mas que isto frequentemente ocorre para o nosso próprio bem:

“Podemos pedir a Deus benefícios materiais, e Ele pode nos atender, quando tenham um objetivo útil e sério. Mas, como julgamos a utilidade das coisas do nosso ponto de vista, e sendo a nossa visão limitada ao presente, nem sempre vemos o lado mau do que desejamos. Deus, que vê melhor do que nós e apenas quer o nosso bem, pode nos recusar o que pedimos, como um pai recusa ao filho o que poderia prejudicá-lo.” (Cap. 28,26)

Então, se pedirmos algo com a intenção de praticar ações de caridade, seja fortuna ou seja um emprego público ou qualquer outra responsabilidade, e por acaso Deus não nos atender, existe uma grande probabilidade de que seja para nos proteger das tentações em que cairíamos, pode ser também que ainda não seja o momento adequado porque ainda não estejamos devidamente preparados, ou pode ser que exista algo maior ainda do que aquilo que pedimos e que esteja reservado para o nosso futuro. De qualquer forma, precisamos acreditar na providencia e na sabedoria dos nossos espíritos protetores, sempre estudando e nos preparando, também treinando nossa humildade e nosso desapego, para o dia em que seremos chamados a assumir uma grande responsabilidade com competência para executar o serviço e imunes a quaisquer tentações.

Autoridade moral e autoridade terrena

Na terra a autoridade se manifesta de várias formas. A primeira autoridade que reconhecemos é a de nossos pais. “Honra a teu pai e a tua mãe” diz o mandamento de Deus a Moisés. Mandamento que não obriga os filhos a obedecer cegamente por toda a vida as ordens ou conselhos dos pais, mas que serve no mínimo como lembrete de que os filhos nunca devem usar de sua posição privilegiada, no auge da maturidade e força, para prejudicar aqueles a quem devem muita gratidão, quando estes já estiverem velhos e fracos.

O segundo tipo de autoridade que aprendemos a respeitar é aquela das pessoas mais velhas. Geralmente isto é ensinado em nossa infância pelos nossos pais que nos lembram que, não somente eles, mas também outros adultos possuem experiência que uma criança ou jovem ainda não adquiriu e por isto devem ser ouvidos e respeitados.

Longe do convívio dos pais e dos parentes mais próximos, ou de professores e outros guias, o terceiro tipo de autoridade que aprendemos a respeitar é a autoridade da força. Este era o tipo de autoridade que predominava no mundo antigo, a chamada “lei do mais forte”, e com poucas exceções o soberano, desde as civilizações mais remotas até recentemente na idade média, era aquele que conseguisse submeter toda uma população pela violência ou pela ameaça de violência. As leis antigas também sempre davam privilégio aos mais fortes, como o primogênito, ou a prevalência do homem sob a mulher em inúmeras questões como o direito ao voto, às heranças, a idade para a maioridade civil (que no Brasil só foi igualada no ano de 2002) e muitas outras. Era uma maneira (injusta é claro) de pacificar conflitos desnecessários, pois, numa sociedade governada pela força física, o mais forte acabaria por prevalecer sob o mais fraco de qualquer maneira. Já funcionários públicos como policiais ou juízes, exercem não a sua própria força, mas a força autorizada pelo estado. Nas sociedades republicanas, existe a

soberania não de um rei ou tirano, mas a soberania do interesse público, que deve prevalecer sobre o interesse individual, por isso a força dos representantes do estado, dentro dos limites da lei, é a única que podemos considerar como sendo justa.

Outro tipo de autoridade que percebemos nas sociedades modernas é a autoridade daqueles que possuem muitas posses, a autoridade do dinheiro, que muitas vezes manda mais do que a própria lei. O dinheiro ou os bens materiais que ele compra (e que a maioria de nós busca desesperadamente a vida inteira) conseguem, de maneira sutil, comprar a amizade e a influência em todo tipo de organização. Seja dentro de partidos políticos, governos, clubes privados ou mesmo organizações religiosas, aqueles com mais dinheiro quase sempre acabam assumindo as posições de maior destaque e respeito.

Por fim, um outro tipo comum de autoridade terrena é a dos diferentes cargos e funções no ambiente de trabalho. Está é uma autoridade mais natural e aceitável quando derivada da experiência e do mérito daquele trabalhador encarregado de organizar o trabalho, pois, experiência e mérito são justamente os elementos essenciais da autoridade moral.

Longe da esfera material, entre os espíritos organizados para a tarefa do bem, só existe um tipo de autoridade, a autoridade moral. A autoridade moral pode ser de certa forma parecida com a autoridade dos mais velhos, pois, em geral, os espíritos mais experientes são aqueles que já tiveram a oportunidade de aprender pelos próprios erros o caminho do bem. Mas ao contrário do mundo espiritual, esta autoridade moral não necessariamente se reflete nas posições que os espíritos ocupam na terra quando encarnados. Podemos encontrar um espírito experiente em uma criança com pais ainda moralmente imaturos e cheios de más tendências. O mesmo vale para qualquer relação entre diferentes posições sociais, entre chefes e subordinados, entre ricos e pobres etc. A autoridade moral não equivale e muitas vezes não corresponde à autoridade terrena estabelecida pela força, pelo dinheiro ou simplesmente pela idade.

Desde o nascimento aprendemos a respeitar a autoridade terrena nas suas diferentes formas, seja esta autoridade justa ou injusta. Por isso não precisamos nos modificar para aprendermos a aceitar autoridade que se impõe a nós, a autoridade imposta dos pais, dos chefes, da lei, da força ou aquela imposta pelas intrigas e acordos políticos, não exige que aqueles que se submetem a ela estejam de acordo. Ao contrário desta, a autoridade que é muitas vezes difícil de ser aceita é a autoridade moral e justamente por não corresponder à autoridade terrena, muitas vezes nós a suprimimos com nossa posição privilegiada.

A autoridade moral daqueles que não possuem posição de poder ou comando na terra se manifesta, entre outras formas, pelas opiniões, pelas pequenas atitudes benevolentes ou pela postura pacífica. Aquele que possui autoridade moral sempre escolhe o caminho da paz e do perdão, quando confrontado com a opção de agir de duas formas diferentes, sempre escolhe a atitude que trará o menor prejuízo aos outros, mesmo que isto signifique algum prejuízo para si mesmo, estando sempre disposto a se sacrificar pelo próximo. Por sua atitude pacífica, quando somada ao fato de estarem numa posição subalterna, estas pessoas às vezes são rotuladas de simplórios ou pacatos. Mas a atitude não combativa e a disposição para abrirem mão de benefícios e se sacrificarem pelo próximo não são fruto de fraqueza ou mediocridade, é apenas o reflexo da superioridade moral que possuem, que torna estas pessoas capazes de abrirem mão daquilo que outros brigariam para conseguir e estariam dispostos a prejudicar o próximo para obter.

Naturalmente aqueles que possuem esta autoridade ou superioridade moral entrarão em conflito com aqueles que exercem autoridade de forma injusta, sejam os que se impuseram pela força, pelo dinheiro ou aqueles que abusam da autoridade imposta pela lei ou pelas relações do trabalho. E exceto em raras exceções estes se curvarão diante de uma grande autoridade moral presente em alguém com baixo status, como teria feito o papa certa vez diante da autoridade moral de São Francisco de Assis.

É difícil para nós, espíritos ainda cheios de orgulhos e preconceitos, nos curvar diante da discordância de ideias de pessoas em posição subalterna, mas podemos começar a tentar exercitar nossa humildade aprendendo a ouvir e nos questionar se não estamos diante de uma autoridade moral superior à nossa. Podemos começar nos perguntando se aquela opinião adversa não se deve ao fato de a pessoa estar levando em conta princípios morais que podemos ter esquecido de considerar, se o motivo daquele subordinado discordar da nossa opinião ou resistir à nossa imposição não é porque estamos adotando uma posição desnecessariamente agressiva ou se estamos ignorando prejuízos que aquela atitude pode causar a terceiros.

Nas relações com pessoas de fora do nosso círculo mais íntimo, principalmente no ambiente de trabalho, nosso orgulho torna difícil aceitarmos nos curvar diante de uma autoridade moral superior à nossa, presente em alguém com baixo status ou em grau hierárquico inferior. Na intimidade do lar, longe dos olhares de estranhos, é mais fácil começarmos a praticar este tipo de humildade, nos questionando por exemplo se um filho não possui valores morais inatos que estão acima dos nossos. Sendo espíritos imortais esta é sempre uma possibilidade, aliás, é mesmo muitíssimo provável que aqueles que se encontram sob nossa guarda e proteção, possam possuir pelo menos alguns aspectos do seu caráter em estado evolutivo superior ao nosso, pois dificilmente podemos nos considerar superiores a tudo em relação a outro espírito igualmente em estágio de aprendizado.

Começando a praticar esta humildade dentro de casa, podemos algum dia tentar expandir esta prática para as relações com todas as demais pessoas. A humildade e o desejo sincero de executar qualquer tarefa da melhor maneira possível, elimina a falsa autoridade terrena e abre espaço para que um dia a terra também seja governada apenas pela autoridade moral.

Justiça do bem

As leis divinas nos informam que seremos responsabilizados por cada mal que causarmos ao próximo e dentro desta mesma lógica, não é justo que soframos nem um pouco mais do que aquilo que devemos. É baseado nestas leis divinas que as sociedades humanas, apesar de pequenos retrocessos momentâneos, vão aos poucos se tornando cada vez mais solidárias e é evidente que no geral vivemos em sociedades muito mais tolerantes e que possuímos hoje muito mais segurança, dignidade e direitos básicos do que possuíam os homens da idade média ou dos tempos bíblicos.

Porém, esta nossa solidariedade e compaixão com o sofrimento alheio se desfaz rapidamente quando testemunhamos espíritos sofredores pagando pelos seus crimes perante a justiça dos homens. As pessoas costumam ter uma reação de satisfação com o sofrimento daqueles que violam as leis humanas, sejam eles bandidos “pé-de-chinelo”, mas principalmente com os bandidos do colarinho branco no meio político, maior ainda é a satisfação quando o criminoso pertence a um “time” com uma ideologia política contrária à nossa.

A ideia por detrás desta diferença de tratamento com aqueles que sofrem ao terem de responder por uma violação à lei, é a de que este criminoso provocou aquela situação e portanto seu sofrimento é merecido. Mas se realmente acreditamos na justiça de Deus, será então que não devemos acreditar também que todo e qualquer sofrimento é sempre merecido? Deixa de fazer sentido a ideia de que uns sofrem por merecerem e portanto não são dignos de pena, enquanto outros sofrem sem merecer e por isto são dignos da nossa compaixão. Se Deus existe e é justo, todo sofrimento deve ser de alguma forma merecido.

Mas é claro que é muito difícil para nós termos a mesma reação diante de um criminoso pego pela polícia, do que diante de uma pessoa com câncer. Mas a ideia de um Deus bom e de uma justiça divina impõem que ambos não podem estar sofrendo sem merecerem, e que de alguma forma este sofrimento será benéfico

tanto para o criminoso quanto para o doente. No caso do criminoso, o motivo e o propósito do seu sofrimento estão bem claros, ele sofre porque violou as leis e prejudicou seu semelhante, seu sofrimento (em teoria) serve para que ele se regenere. Já no caso do doente, o motivo está quase sempre oculto em tramas que remontam a outras encarnações e é comum até mesmo duvidarmos da justiça divina quando testemunhamos o sofrimento de um parente próximo, muito mais difícil ainda quando se trata de pessoas muito jovens.

Mas se realmente acreditamos na justiça de Deus, então não podemos esquecer nunca que ambos são sofredores, que ambos sofrem por um motivo e não por mera obra do acaso, e principalmente que todos os que sofrem precisam e merecem nossa compaixão. Se Deus é bom e justo, então o sofrimento do doente ou do criminoso não pode ser um mero castigo, na forma de uma vingança, mas uma lição útil que de alguma forma trará um crescimento espiritual para ambos.

Nossa inferioridade moral constantemente ainda nos faz esquecer destas verdades e nos contaminamos rapidamente por ideias que se baseiam num sentimento egoísta de vingança, sem preocupação real com o bem estar geral ou com a regeneração do criminoso para a sociedade. Devemos nos lembrar que Deus só permite o sofrimento daquele criminoso porquê de alguma forma ele será benéfico. Primeiramente servirá para lhe ensinar que o crime não compensa. Vai ajudar a deixar mais claro na sua mente ignorante onde fica a linha divisória entre o certo e o errado, afastando aquela distorção tão comum que fazemos ao considerarmos como certo tudo aquilo que é bom para nós. Vai também trazer uma oportunidade de arrependimento e mudança de rumos, mesmo que isto leve anos, décadas ou mesmo várias encarnações, mesmo até que o criminoso tenha que reencarnar num corpo doente.

Mas não é este tipo de sentimento que motiva editores e consumidores de jornais sensacionalistas. Recentemente a notícia da prisão de alguns dos homens mais ricos e poderosos do Brasil rendeu muitos trocadilhos e piadas nas capas de alguns jornais “populares”. Foram mostradas as fotos das celas, dos cortes de cabelo, da comida servida aos presos etc. Não vemos neste tipo de exposição nada que

pudesse sugerir um suposto alívio dos responsáveis pelas matérias, com a interrupção da atividade criminosa que prejudica a sociedade, ou uma felicidade pelo fim da trajetória de erros do criminoso e o início forçado de sua regeneração. Só o que se viu foi a intenção clara de agradar aquele nosso sentimento pobre de vingança, que se alimenta da desgraça daqueles que consideramos nossos inimigos.

O cidadão honesto, que vive do fruto do próprio trabalho e sem prejudicar a ninguém, é capaz de reconhecer o certo e o errado e se manter firme aos seus princípios, não praticando nenhum ato parecido com aqueles crimes do colarinho branco típicos destes grandes empresários e políticos. Mas a sua indignação com a má conduta daqueles que encontraram maneiras de se apropriarem do dinheiro público, rapidamente se transforma num desejo de vingança. O cidadão de conduta irrepreensível perante a justiça dos homens, logo se perde nas cadeias mentais do ódio e do sarcasmo. Longe de se ver feliz com o início do processo de regeneração daquela alma sofredora, perdida no mundo do crime, ele se sente feliz é pela desgraça daqueles que ele elegeu como inimigo, justamente por se considerar uma pessoa de bem.

Nestes tempos de tantas reviravoltas políticas, em que o Brasil vai aos poucos deixando de ser mais um país, como tantos outros, onde o dinheiro permite a uma grande parcela da população viver sem se preocupar em respeitar as leis, é fácil nos contaminarmos por sentimentos inferiores quando assistimos à queda dos poderosos malfeitores. Mas é necessário sempre nos lembrarmos de que um cristão só pode aceitar qualquer tipo de punição a qualquer pessoa, se está for benéfica. A felicidade pela correta aplicação da justiça deve se basear em primeiro lugar no fato de que o criminoso vai finalmente ser obrigado a parar de cometer seus crimes e de se endividar mais ainda perante a justiça divina. Depois, por saber também que o criminoso vai ter a oportunidade de se arrepender e se libertar das ilusões egoístas do crime. Resumindo, a nossa felicidade não pode nunca ser motivada pelo sofrimento alheio, mas somente pelo bem que aquela punição temporária poderá em breve trazer para a alma daquele criminoso.

Não podemos nunca nos esquecer de que a perfeição não é deste mundo. Somos todos filhos imperfeitos de Deus, vivendo num mundo de provas onde estamos ainda bastante sujeitos a errar. O verdadeiro cristão não possui inimigos, e a única felicidade que a notícia da punição de um criminoso pode trazer para o cristão, é a de saber que o arrependimento logo poderá resgatar aquela alma perdida e trazê-la para o time dos homens de bem.

Corrupção política e corrupção do dia a dia.

Em um vídeo que circula na internet o historiador Leandro Karnal explica que a corrupção não está só na política mas em todos os lugares, no uso indevido da vaga de deficiente, no recibo falso usado na declaração do imposto de renda, no favor de quem pede para “tirar” uma multa de trânsito, e explica que esta corrupção se repete até os altos escalões do governo.

Mas existem grandes diferenças nas consequências destes dois tipos de corrupção. Por exemplo, imaginemos um engenheiro que possua uma renda de \$10 mil por mês more em um condomínio pagando uma taxa de condomínio de \$400, da qual são desviados \$100 por um esquema fraudulento do síndico. Isto significa que este engenheiro terá 1% de sua renda de \$10 mil desviada indevidamente para o bolso do corrupto. Mas imaginando que este engenheiro seja uma pessoa normal, com um comportamento que não esteja muito acima da média em termos de honestidade, ele provavelmente irá praticar algum ato que lhe dê uma vantagem indevida de \$100, por exemplo quando ele consegue um favor de alguém que anula uma multa por ter estacionado na vaga de deficiente. Repare que no final ficou tudo “elas por elas” ou conforme o ditado “se todo mundo levar vantagem em tudo, ninguém leva vantagem em nada”.

Muito diferente é o prejuízo causado pelo desvio de dinheiro público. No Brasil hoje a carga tributária está próxima de 40%, morando aqui este engenheiro poderia ter cerca de \$4000 de sua renda direta ou indiretamente encaminhada para impostos, se 40% forem desviados pela corrupção são \$1600, ou 16% da renda do engenheiro indo parar nos bolsos de quem não deveria, um prejuízo muito maior do que aquele causado pelo síndico corrupto. Podemos imaginar que este engenheiro sendo uma pessoa comum e não estando envolvido

em nenhum grande esquema ilegal, não terá como recuperar estes \$1600 perdidos para a corrupção na esfera política.

A corrupção política gera acumulação de riqueza em larga escala, algumas das construtoras envolvidas em escândalos recentes no Brasil acumularam nos últimos anos grandes fortunas, transformadas em monopólios legalizados na forma de rodovias, ferrovias, estaleiros etc. Os grandes empresários corruptos do passado são hoje gigantes que monopolizam “honestamente” setores importantes da economia como transportes, telecomunicações, agronegócio, indústria, redes de televisão e tudo o mais que se possa imaginar. A possibilidade de roubo em larga escala por uma parcela muito pequena da população gera enormes concentrações de poder e desigualdade social, diferentemente da corrupção do dia a dia que gera pequenos prejuízos e vantagens mútuas entre pessoas comuns.

Ao contrário dos pequenos atos de desonestidade do dia a dia, os grandes empresários corruptores e seus políticos corrompidos possuem o poder de moldar a sociedade em uma estrutura extremamente desigual. Por exemplo, há séculos atrás os traficantes de escravos conseguiram a aprovação da igreja para legalizar o seu negócio, distorcendo as leis da igreja cristã que governava a sociedade da época, resultando em uma desigualdade econômica entre pessoas negras e brancas que não conseguimos superar até hoje. Esta e outras tantas grandes injustiças do passado criaram a sociedade brasileira, uma das mais desiguais do mundo. Mas uma vez estabelecida esta desigualdade social, os poderosos passam a corromper os governos para que impeçam a reversão do sistema, mesmo que as leis futuras como as da nossa constituição de 1988 atendam justamente o desejo da população de ver revertidas as injustiças hereditárias, a corrupção da classe política opera justamente para impedir este processo, ao corrupção política opera constantemente para impedir a execução do que está estipulado nas chamadas leis progressistas.

Como cristãos buscamos sempre nos tornarmos pessoas melhores e queremos também ver a sociedade reformada com a fim da

corrupção política, mas para isso precisamos aprender a nos interessar mais pelos resultados das nossas escolhas políticas. Ao invés do nosso comportamento de costume que consiste em adotar um “time” e torcer por ele, elegendo de pronto os nossos heróis e vilões e torcendo para a derrota do outro lado, precisamos aprender a escolher políticos realmente comprometidos com o combate à corrupção. Um bom ponto de início para esta difícil escolha seria se recusar a votar em qualquer político que tenha sido beneficiado com doações de empresários envolvidos em esquemas de corrupção, seja de qual partido for, esteja ou não sendo denunciado ou investigado, podemos deduzir razoavelmente que o político que aceita este tipo de doação não pode estar seriamente comprometido com o fim da corrupção.

Mas porque todo este volume de dinheiro nas mãos do estado? Será que não seria melhor desmanchar o estado, eliminando a fonte de enriquecimento destes corruptos e eliminar assim a corrupção?

Como dissemos, a constituição do estado brasileiro, assim como a da maioria dos estados tem como função principal justamente tentar inverter este jogo. A arrecadação de impostos que acaba em boa parte sendo revertida para financiar a corrupção, existe justamente para tentar eliminar os frutos da corrupção do passado, que se traduz nas injustiças do presente. Por exemplo, as faculdades públicas deveriam ser destinadas a quem não pode pagar, financiamentos de bancos públicos deveriam se concentrar nos pequenos empresários e consumidores que não possuem crédito, saúde pública e educação básica públicas deveriam garantir tranquilidade e oportunidades iguais a todos, ajudando a reverter séculos de corrupção política e concentração de renda. Uma das funções primordiais do estado é justamente nivelar o jogo, criando uma igualdade de condições e oportunidades para todos. Assim, um dos principais motivos da existência da corrupção na política é justamente impossibilitar esta função básica do estado e manter em funcionamento os velhos esquemas.

A corrupção na política tem como um dos seus alvos principais o ataque às políticas que promovem a igualdade de condições, que possibilitaria a emancipação de milhões de pessoas que se encontram em situação de pobreza/miséria, e que uma vez que alcançassem a classe média se tornariam uma força política muito difícil de se controlar. Em todo o mundo, povos que se emancipam da pobreza costumam exigir o fim de velhos privilégios, passam a exigir maior participação democrática e se tornam uma grande ameaça às velhas elites corruptas. Assim, o desmanche das políticas do estado ao invés de ser um passo na direção do fim da corrupção, na verdade é a ferramenta ideal para manter intactas as velhas estruturas, conservando a desigualdade que é fruto da corrupção política do passado.

Tanto a corrupção política como a corrupção do dia a dia são fruto das mesmas falhas de carácter, e o cristão que deseja se tornar uma pessoa melhor precisa aprender a depurar o seu carácter evitando cometer os pequenos atos de “esperteza” do dia a dia. Mas tão importante quanto não ser conivente com qualquer ato imoral/ilegal, precisamos aprender a não aceitar a continuidade das injustiças históricas, como os salários menores pagos às mulheres, a falta de oportunidades aos herdeiros da escravidão, precisamos aprender a não nos beneficiarmos do desespero do trabalhador pobre que, passando fome, aceita trabalhar por um salário que lhe garantirá o pão de hoje mas não garante a saída da miséria, podemos quem sabe aprender a não nos beneficiarmos do sistema já consagrado de exclusão do ensino superior público, que banca quase que exclusivamente os estudos de alunos que teriam condições de pagar e deixa de fora os que não podem. Todas estas injustiças, das quais podemos fingir não termos parte, são fruto de séculos de corrupção, mas não dá para fingirmos combater a corrupção sem que estejamos realmente compromissados em combater o fruto desta corrupção histórica, que é a desigualdade, sempre lembrando que o homem de bem segundo Allan Kardec, nunca é demais repetir, “toma a defesa do fraco contra o forte e sacrifica sempre o seu interesse à justiça”.

Meu dinheiro honesto

É comum ouvirmos alguém dizer ou às vezes nós mesmos falamos frase: “é meu dinheiro ganho honestamente, então faço o que quiser com ele”. Não pretendemos falar sobre o que cada pessoa deve fazer com o seu dinheiro, mas apenas pensar um pouco se esta ideia está correta, se aquilo que eu consigo ganhar obedecendo às leis vigentes pode sempre ser considerado honesto.

O conceito de honesto e desonesto muda muito, a cultura muda com o tempo e as leis mudam com ela. Em um determinado século, a prática de cobrar juros por um empréstimo era um crime punível com a morte, no século seguinte uma atividade normal. Num determinado período a escravidão era uma prática normal e apenas umas poucas décadas depois já era um crime gravíssimo. Conforme explicado na questão nº797 de O Livro dos Espíritos: “797. Como poderá o homem ser levado a reformar suas leis? R: “Isso ocorre naturalmente, pela força mesma das coisas e da influência das pessoas o guiam na senda do progresso. Muitas já ele reformou e muitas outras reformará. Espera!”

Estes dois exemplos de leis que citamos são na verdade mudanças culturais que se desenvolveram gradualmente e quando finalmente ganharam a força necessária, provocaram a mudança nas leis, para que elas se adequassem aos costumes. Mas além destes exemplos de leis que mudam conforme o progresso da cultura, de que trata a questão respondida em O livro dos Espíritos, existem outros exemplos de mudanças mais rápidas, pois as leis são feitas por pessoas e é comum vermos pessoas tentando mudar leis em benefício próprio, como no caso do empresário que financia a campanha eleitoral de um futuro legislador. Em outros casos, grupos de pessoas com interesses comuns podem exercer pressão para que certas leis sejam mudadas, mas nem sempre numa ação consciente e planejada como a do empresário corrupto e pode ocorrer que um grupo exerça uma pressão acreditando que uma mudança seja benéfica para todos, mesmo que não seja. Mas seja qual for a forma

como as leis mudem, toda mudança nas leis, desde que feita de acordo com o devido processo, é geralmente considerada justa, legal e moralmente aceitável.

Assim, o conceito de justo e honesto perante as leis dos homens pode mudar de um dia para outro. A maioria das pessoas enxerga a classe política como digna de pouca ou nenhuma confiança, mas se um político faz uma mudança que me beneficia, ai esqueço rapidamente aquele conceito negativo que eu tinha dele e não vejo problema nenhum em me beneficiar da nova lei. Um entre muitos exemplos recentes que poderíamos citar no Brasil é o do programa de parcelamento de dívidas tributárias.

A sonegação de impostos é um crime com pena de vários anos de cadeia e o motivo disto é bem compreensível, pois este dinheiro usurpado é dinheiro que faltou para o aparelho de respiração dos bebes recém nascidos, ou o conserto da viatura quebrada da polícia ou do carro de bombeiros que evitaria uma tragédia. Não é um crime leve, as consequências do crime, apesar de não estarem ligadas diretamente, são bem previsíveis. Mas com a mudança na lei e a possibilidade de parcelamento e a anulação de multas e juros, me torno honesto novamente perante a lei. O meu crime desaparece, apesar de todas as consequências do crime não terem desaparecido, com a simples assinatura de uma lei eu fico livre para gastar o dinheiro que economizei e posso dizer que ninguém tem nada com isso porque “é o meu dinheiro honesto”.

Um outro exemplo, que não tem nada a ver com mudanças na lei, é o do patrão que promete uma promoção ao empregado com a intenção de ver este empregado rendendo mais sem ter a intenção de realmente efetivar esta promoção. Este patrão não está violando lei nenhuma, mas está enriquecendo às custas do esforço do empregado iludido. O patrão não pode ser punido, mesmo que tenha causado grande desilusão e até um atraso na vida profissional do empregado. Esta é uma situação muito comum e, apesar do prejuízo pessoal para o empregado, não é um caso que possa ser levado à

justiça, pois o patrão apenas irá alegar que as condições do negócio não permitiam a promoção. Para todos os efeitos, este patrão agiu de acordo com as nossas leis e seus lucros extras são um dinheiro considerado honesto.

A má vontade com que um empregado executa suas funções também podem ser objeto do mesmo tipo de questionamento. Mais grave ainda seria o desleixo de um funcionário pago com dinheiro público, por exemplo, quando este deixa de trabalhar porque passa parte do dia mergulhado em livros estudando para prestar um outro concurso, para um cargo melhor e mais respeitável, como por exemplo o de juiz. É uma prática quase que invisível e difícil de ser coibida. Quando finalmente for aprovado ele dirá, cheio de orgulho, que conquistou sua respeitável posição graças a grande esforço individual e que merece cada centavo de seu bom salário.

Mas a intenção aqui não é sair criticando todas as pequenas fortunas ou o mérito das pessoas em posição de destaque, estes exemplos servem para que possamos fazer uma autocrítica. Pois dos outros nós sempre sabemos muito pouco, sempre muito menos do que julgamos saber, já a respeito de nós mesmos não podemos alegar a mesma ignorância. Não sabemos exatamente como o dinheiro do próximo foi ganho, não temos como saber exatamente o nível de esclarecimento do dono de um estabelecimento que aparentemente explora seus empregados, é difícil diferenciar ignorância de malícia, apenas a própria consciência de cada um é que pode julgar com exatidão estas atitudes. Não sabemos também as necessidades de cada um, o que parece muito para mim pode ser na verdade pouco perante a responsabilidade de sustentar diversos familiares. Não sabemos também as obras de caridade que o próximo pratica, ele pode ser um bom seguidor do conselho de que “sua mão direita não saiba o que faz a esquerda”.

Vemos que a conformidade com as leis humanas não pode ser considerada medida exata de justiça perante a lei de Deus, então para fazer um julgamento adequado de minha própria consciência, resta estabelecer qual a medida da verdadeira justiça, quando e

como posso me assegurar de que aquilo que ganhei está de pleno acordo com a justiça? Não perante a justiça e as leis falhas dos homens, mas perante a lei máxima do amor ao próximo, perante o mandamento “faça aos outros como gostaria que lhe fizessem”.

No evangelho de Jesus não vemos o mestre estabelecer leis precisas de riqueza ou pobreza. Jesus disse ao jovem rico: “venda tudo o que tem, dê aos pobres e me siga” já sabendo que ele não seguiria seu conselho, mas para deixar claro que a abastança e o orgulho não combinam com a humildade dos que entram para o reino dos céus. Mas é claro que este é um exemplo radical e é impossível que todas as pessoas vendam tudo o que tem e passem a viver de doações, pois, num mundo material as necessidades materiais precisam ser atendidas por meio do trabalho. Um exemplo recente de uma alma iluminada com a qual podemos comparar nossas atitudes é o de Chico Xavier, que poderia ter ganho milhões e mesmo assim trabalhou em atividade humilde como funcionário público até se aposentar e terminou sua vida na mesma humildade em que nasceu.

A recusa de Chico Xavier em usufruir de todo o conforto material que poderia ter acesso é um lembrete de que as nossas leis são falhas. O que é considerado justo pelas nossas leis, muitas vezes é injusto segundo as leis divinas que, pela regra simples do “faça aos outros o que gostaria que lhe fizessem”, impõe uma igualdade não só de direitos e deveres, mas também de trabalho e de lazer, de conforto e de sacrifício.

Sendo as nossas leis imperfeitas, não existe medida legalmente estabelecida que possa ser considerada uma medida de plena justiça. A única medida possível de honestidade e de merecimento por um determinado padrão de conforto material é uma comparação com a média geral, e esta é uma comparação que só pode ser feita pelo próprio indivíduo. Uma auto crítica das próprias condições, perguntando-se por exemplo: Será que eu trabalho mais ou menos que a média das pessoas? Será que meu padrão de vida é abaixo ou acima da maioria das pessoas? Se eu trabalho razoavelmente bem ou mesmo acima da média e vivo num padrão médio ou mesmo abaixo

da média das outras pessoas, então não posso me considerar como uma fonte de desequilíbrio ou um abusador das facilidades que a vida me ofereceu. Mas se eu trabalho igual ou até um pouco menos que a média de um trabalhador comum e vivo uma vida bem confortável, aí pode ser que eu esteja me beneficiando das leis humanas imperfeitas.

A melhor lei, a melhor forma para estabelecer a verdadeira justiça entre os homens é a lei do amor ao próximo, que Deus planta no coração de cada indivíduo e que se torna mais clara conforme progredimos. Por isso precisamos sempre estudar a nós mesmos e nos tornarmos conscientes de nossa posição e assim quem sabe podemos perceber quando nos tornarmos uma fonte de desequilíbrio. Quem sabe podemos perder o costume de aceitar todas as vantagens e todas as oportunidades de lucro, ao mesmo tempo em que rejeitamos tudo o que nos traga um mínimo prejuízo. Quem sabe até podemos ter o privilégio de abrir mão de alguma vantagem injusta devolvendo alguma coisa para a sociedade em forma de caridade e dizer: “eu não preciso disto” ou “isto é mais do que eu preciso e mais do que mereço”. Reconhecemos que estamos distantes da humildade das almas iluminadas que nos servem de exemplo, mas que sabe assim pelo menos já estaremos dando um primeiro passo em direção a elas.

Um mundo sem dinheiro.

Como seria um mundo sem dinheiro? Vamos tentar imaginar, como por exemplo eu compraria as coisas de que preciso em um mundo sem dinheiro? Para responder esta pergunta primeiro eu preciso saber por que é que eu possuo dinheiro, porque ele existe e porque as pessoas aceitam me fornecer coisas em troca de dinheiro.

O dinheiro de papel é emitido pelos bancos centrais dos países, e a lei de cada país exige que qualquer comerciante aceite estes papéis como um meio válido de pagamento, ninguém pode recusar como pagamento estes papéis que chamamos de dinheiro. Este dinheiro de papel substituiu há muito tempo o dinheiro em moedas feitas de metais preciosos, que nada mais eram do que uma mercadoria, que assim como outras mercadorias, como o sal (de onde se origina a palavra salário), eram fáceis de serem carregadas e possuíam alto valor, por isso se tornaram meios comuns de troca por outras mercadorias.

Então o dinheiro é um meio de troca, seja metal precioso, sal ou papel moeda emitido por um banco, o dinheiro é um representante do valor do trabalho, da quantidade de trabalho contida em uma mercadoria, seja o trabalho exigido para se escavar alguns gramas de ouro ou alguns quilos de sal de uma mina, ou a quantidade de trabalho necessária para se construir uma casa, mercadorias nas quais foram empregadas quantidades equivalentes de trabalho são trocadas umas pelas outras com o uso deste meio facilitador que chamamos de dinheiro.

Em um mundo sem dinheiro não seria possível efetuar trocas de forma eficiente, em uma sociedade sem dinheiro não é possível saber exatamente se as mercadorias ou serviços que estão sendo trocados equivalem a quantidades iguais de trabalho. A troca direta de mercadorias variadas por outras mercadorias, sem o uso de uma mercadoria padrão é impraticável e estudos históricos recentes afirmam que sociedades de escambo, onde todos os produtos eram

trocados diretamente e imediatamente por outros produtos, na verdade nunca existiram, não passando de uma lenda. Sem o dinheiro, o sistema de trocas do qual depende a produção e circulação de mercadorias, tanto no mundo antigo como no mundo moderno, se torna impossível.

Mas existe é claro uma saída para a criação do nosso mundo sem dinheiro, a circulação de bens pode funcionar desde que os vendedores aceitem fornecer seus produtos sem exigir um pagamento em quantidade equivalente em dinheiro, ou seja, desde que aceitem entregar seus produtos sem contrapartida, doar tudo de graça, e os comerciantes esperariam também é claro poderem obter os produtos que precisam da mesma forma. Mas o resultado que imediatamente imaginamos seria que as pessoas correriam para as lojas e pegariam tudo o que conseguissem carregar, como numa onda de saques em uma guerra, aquele cada um por si, parecido também caos da distribuição do bolo gigante no aniversário da cidade. O que nos impede de agirmos como animais irracionais, desesperados para pegarmos tudo que pudermos e empilharmos tudo dentro de nossas casas é justamente a exigência de dinheiro.

Então é claro que a nossa sociedade sem dinheiro não funcionaria aqui na terra, por causa desse nosso instinto maníaco egoísta, mas um mundo sem dinheiro pode até ser possível em esferas mais evoluídas, onde as pessoas não pegam tudo o que podem quando podem, mas apenas o que precisam, como na frase “tudo posso mas nem tudo me convém”. No livro Nosso Lar é descrito o sistema de bônus-horas, em que os habitantes da colônia espiritual recebem créditos ao executarem diversas atividades de auxílio aos outros espíritos. É um sistema bastante igualitário em que cada hora de trabalho vale 1 bônus-hora, e algumas poucas atividades de dificuldade excepcional são remuneradas com 2 bônus-horas, independente da experiência e do nível de evolução moral, todos são remunerados de forma razoavelmente igualitária. Mas ao mesmo tempo a colônia não condena e exclui os espíritos que ainda não se dedicam muito ao trabalho, como no caso descrito no livro em que

uma moradora acumulou apenas 304 bônus-hora obtidos em 6 anos de hospedagem, o que equivaleria a menos de 1 mês e meio de trabalho normal na terra. Por outro lado, espíritos mais evoluídos acumulam muito trabalho sem se preocupar em exigir a retribuição, se dedicam com afinco às atividades de auxílio apenas pelo desejo de fazer o melhor pelo próximo, não se importando em saber se estão recebendo créditos ou em obter benefícios em troca. No mesmo livro é descrito um caso destes em que uma moradora acumulou 1 milhão de bônus-horas, e o narrador é informado então que esta moradora na verdade já possuía um estado de evolução moral suficiente alto para habitar outras esferas superiores à colônia de Nosso Lar.

Pois este é exatamente o comportamento que esperaríamos de um habitante de uma esfera moral superior à nossa, ao contrário de nós terráqueos egoístas e afobados, este ser superior não se importaria e não mudaria seu comportamento ao saber que é possível agora obter tudo o que deseja sem precisar pagar com dinheiro, ele simplesmente pegaria apenas o que precisa e ofereceria o melhor de seu trabalho também sem se preocupar em saber como vai ser remunerado por isso. Portanto no nosso mundo imaginário sem dinheiro, habitado por pessoas mais evoluídas que nós, o empresário entregaria tudo aos seus clientes sem exigir contrapartida, mas também seria capaz de obter novos produtos para repor seu estoque da mesma maneira, e ainda poderia consumir produtos fornecidos por outros empresários para uso pessoal da mesma forma, sem dinheiro e sem preocupação com a equalização dos seus créditos e débitos, um mundo onde todos trabalham e todos vão aos estabelecimentos e se servem livremente do que precisam, sem ganância e sem exagero. O trabalho das bolsas de valores neste mundo seria agora o de avaliar quais são as atividades mais procuradas pelos consumidores e quais possuem os menores custos, algo que já fazem hoje, mas sob a motivação única de obterem vantagens em dinheiro. No mundo sem dinheiro os corretores de bolsas trabalhariam sem salário, mas com total dedicação, avaliando as melhores fontes de investimento do trabalho humano, assim como os administradores de empresas que modernizariam a

produção e tentariam produzir mais com menos mão de obra, cobrando também seus funcionários para que produzam mais, o que seria bem raro num ambiente de cooperação onde cada um dá o melhor de si, já o desemprego seria uma palavra desconhecida.

Na verdade já existem pessoas aqui na terra que se comportam desta maneira, não é muito raro encontrar trabalhadores que se dedicam ao máximo sem se preocupar com a remuneração, geralmente trabalhadores mais humildes que executam trabalhos subalternos, longe do ambiente de competição e egocentrismo de muitas carreiras de maior destaque. Este tipo de trabalhador dedicado não seria capaz de relaxar no trabalho e continua se dedicando e fazendo além do esperado mesmo quando não é cobrado. Pessoas assim teriam vergonha de não darem o máximo de si, e mesmo reconhecendo o estado de pobreza em que vivem, muitas pessoas nesta condição não desejariam se tornarem ricos, apenas um pouco de conforto e muito trabalho é o suficiente para serem felizes.

Mas este tipo de pessoa aqui na terra é a exceção, o ambiente competitivo costuma moldar os comportamentos, e mesmo quando estes trabalhadores são a maioria em algum empreendimento, quase sempre existe uma minoria que não se alinha a este tipo de pensamento e coloca tudo a perder. Dificilmente grandes empreendimentos, que requerem a colaboração um grupo amplo de pessoas, podem contar com a dedicação desinteressada de todos os colaboradores, um ambiente competitivo pode motivar muitos a darem o melhor de si, mas o tipo de ambiente competitivo típico no nosso mundo é o da competição egoísta e não o da competição interessada no bem ao próximo. Curiosamente, no tipo de ambiente competitivo egoísta que estamos habituados, é comum que aqueles que se destacam logo passem a usar os privilégios que obtiveram (pelo mérito e pela dedicação ao trabalho) para obterem luxos, regalias e uma vida de bem pouco trabalho.

Mas assim como no nosso mundo existem trabalhadores dedicados e desinteressados, que destoam do padrão competitivo da sociedade, também existem empreendimentos humanos que são exceções, não

em experimentos de sociedades utópicas, como de grupos que se isolam em uma comunidade e tentam criar um Shangri-lá, mas em pequenas atividades do dia a dia, como por exemplo a organização de uma festa entre amigos e parentes. Numa festa tradicional, costuma-se dividir e organizar o trabalho entre tarefas de administração e tarefas especializadas, como uma linha de produção de salgados ou doces; também existem tarefas manuais que podem ser mecanizadas como pelo uso de um compressor para encher bexigas; um empreendimento reduzido entre amigos e parentes, mas com divisão de atividades similares à de uma moderna cadeia de produção, inclusive com responsáveis pela administração e avaliação das melhores formas de investir o capital e o trabalho.

O que separa o microcosmo das pequenas atividades coletivas que funcionam de forma eficiente e harmoniosa dentro do ambiente familiar, da realidade do capitalismo selvagem com a divisão dos homens entre muito ricos, medianos e miseráveis, com uma enorme ineficiência, desperdício e desemprego, é justamente a nossa falta de capacidade de ter amor pelo próximo e não querer tirar vantagens de desconhecidos da mesma forma como não tiramos vantagens de nossos familiares. Quando nos relacionamos com estranhos ou pessoas mais distantes, o comportamento padrão é o de cada um por si, e se não podemos agir como loucos descontrolados correndo para as lojas e pegando tudo que podemos, por causa que não temos todo o dinheiro do mundo, agimos de forma equivalente tentando obter a máxima quantidade de dinheiro a todo custo. Usamos todas as artimanhas e distorções possíveis pelo uso do dinheiro, que deveria ser apenas um meio de troca de quantidades equivalentes de trabalho, para justamente tentar distorcer ao máximo a relação dinheiro-trabalho. A posse de grandes quantidades de dinheiro em nossas mãos se torna a principal forma de acumulação de poder e exploração do trabalho alheio.

Imagine a situação em que uma criança que colabora na preparação de uma festa descobre que poderá comer quantas fatias de bolo quiser, ou que pode pegar quantas bexigas e quantos doces quiser e

levar tudo para sua casa, então a criança arranca metade do bolo de aniversário, pega também quase todas as bexigas e brigadeiros e carrega tudo imediatamente para sua casa. Ela seria imediatamente repreendida pelos seus familiares, seu comportamento porém seria compreendido como uma atitude imatura, típica de uma criança afobada e egoísta. Agora imagine uma sociedade onde todos trabalham dando o melhor de si e usufruem dos frutos do trabalho coletivo sempre pegando para si apenas o necessário e sempre se preocupando em ver se não está exagerando e deixando faltar algo ao próximo. Então colocamos no meio desta sociedade um homem da terra, que ao saber que esta sociedade não tem um controle rígido sobre o que cada um consome e que pode levar tudo o que conseguir para sua casa, sai como louco juntando tudo o que pode. Seria da mesma forma uma atitude ridícula e infantil, os outros habitantes desta sociedade entenderiam da mesma forma que se trata de um comportamento imaturo.

Mas na terra continuamos a nos comportar assim, estamos sempre tentando obter mais riqueza mesmo quando nossas necessidades básicas já estão atendidas e chamamos isso de “sucesso”. Não olhamos para o lado e não nos preocupamos muito com o resultado do nosso sucesso. Em um mundo onde nada se produz sem o apoio coletivo, o homem (que é um animal social) gosta de ignorar a ideia de que tudo é fruto do trabalho da sociedade como um todo, quando muito, olhamos para os necessitados e dizemos que também estamos torcendo para o sucesso deles. Como a criança afobada e imatura da festa, estamos tentando sempre obter o máximo de conforto com o mínimo de trabalho, um comportamento infantil mas compreensível para o nosso estado atual de evolução, ainda distante dos espíritos superiores que habitam os mundos sem dinheiro.

Um mundo sem vaidade.

Como seria um mundo sem vaidade? Como seria nosso mundo se de repente passasse a ser habitado apenas por seres vindos de esferas superiores e que não carregam consigo nenhuma vaidade?

Primeiramente, em relação aos bens materiais, podemos dizer que viveríamos em um mundo bem diferente. Imaginem por exemplo que as pessoas comprassem todos os tipos de bens sem nem mesmo um mínimo de preocupação em relação ao que as outras pessoas irão achar da sua nova aquisição, por exemplo um celular ou um carro novo. Existem muitos objetos como celulares, relógios etc. que antigamente custavam bem caro e por isso eram símbolo de status, um sinal de que o seu dono pertencia a uma elite restrita de pessoas. Estes objetos com o passar do tempo se tornaram baratos e hoje pessoas de todas as classes sociais podem compra-los, mas mesmo assim ainda carregam esta ligação com o status e a vaidade pessoal. Carros, celulares, relógios de pulso e até calças jeans um dia foram símbolo de alto status pessoal e após se tornarem mais baratos, passaram então a terem versões de luxo, que costumam possuir algumas poucas funcionalidades a mais (às vezes nenhuma), mas que possuem a função de satisfazer a vaidade, o desejo exibicionista de seu dono.

Este comercio da vaidade é tão comum e tão amplo que a sua eliminação alteraria profundamente as relações econômicas do nosso mundo atual. Existem hoje em dia quase todo tipo de objetos de grife (grife, VIP, gourmet, exclusivo etc.), desde casas e apartamentos, até computadores e roupas, o mesmo se repete em relação à prestação de serviços como escolas particulares, cabeleireiros, cinemas e todo tipo de coisas. Mas ao contrário da ideia comum de que estes bens e serviços são um tipo de enganação porque são vendidos a preços mais altos, na verdade estes bens e serviços também custam mais caro para serem produzidos. O tênis de marca custa centavos para ser fabricado em Bangladesh, mas o fabricante também precisa arcar

com centenas de milhões pagos em patrocínio de esportistas famosos. O telefone de grife, que dá ao proprietário o direito de colar o adesivo de uma fruta mordida no vidro do carro, custa cerca de cento e poucos dólares para ser produzido, mas além deste custo de fabricação, que inclui o pagamento de mão de obra semi-escrava em uma fábrica insalubre na China, outra centena de dólares é gasta em comerciais que ressaltam o caráter de exclusividade do produto. Aliás a própria palavra exclusividade já diz muito, exclusivo: aquilo que exclui, exclui os pobres eu acho. Esta indústria do status e da vaidade é um verdadeiro atestado da capacidade humana de despender recursos valiosos com coisas totalmente inúteis. Em um mundo sem vaidade, boa parte deste desperdício e ineficiência econômica seriam revertidos para bens e serviços realmente úteis.

Já que mencionamos as roupas de grife, podemos falar também sobre o modo de se vestir das pessoas em geral. Para a maioria de nós espíritos encarnados aqui neste mundo, o próprio ato de se vestir é governado pela vaidade, ao escolhermos que tipo de roupa compramos ou que tipo de roupa usar em cada ocasião quase sempre nossa preocupação principal é com como seremos vistos pelos outros. Será que seremos repreendidos por palavras ou olhares? Será que nos sentiremos diminuídos de nosso status ao usarmos esta ou aquela roupa? Será que posso ser confundido com uma pessoa pobre ou de pouca instrução? O conforto e a funcionalidade costumam ficar em segundo plano, tanto é que quando estamos em casa, longe dos olhares de estranhos e onde só precisamos nos preocupar com o frio ou calor, conforto ou praticidade, costumamos nos vestir de forma bem diferente de como nos vestimos para o trabalho ou para fazer compras. Em um mundo sem vaidade nos apresentaríamos de maneira bem diferente.

A mesma vaidade também governa muitas posturas e atitudes dos homens públicos. É até certo ponto compreensível que políticos que dependem do voto popular apresentem-se com uma postura bastante artificial diante das câmeras, seja fingindo-se mais sérios do que realmente são ou mesmo mais humildes e mais preocupados

com os problemas dos necessitados do que realmente estão. Mas este motivo não explica a mesma atitude de autoridades que não dependem do voto para se manterem em seus cargos. Como exemplo podemos citar muitos delegados, promotores, juízes etc. que costumam assumir posturas e até entonação de voz muito diferentes ao se exporem na mídia ou em eventos públicos, basta providenciarmos um microfone e logo vemos uma mutação instantânea. Muitas decisões e posicionamentos relativos ao cargo também costumam ser influenciadas pela vaidade dos homens públicos, como nos exemplos recentes de juízes e promotores que só resolveram dar andamento em investigações ou processos após terem sido citados de maneira desrespeitosa em áudios que vazaram para a imprensa. Em um mundo sem vaidade, muitas posturas e atitudes de homens públicos seriam modificadas.

O ego e a vaidade pessoal também reinam dominantes no mundo das carreiras de destaque. É muito comum vermos executivos, escritores, profissionais liberais etc. que fazem de tudo para promover a sua imagem pessoal, criando um verdadeiro personagem fictício e sem relação alguma com a pessoa real, e repetidas vezes estes acabam conseguindo se destacar à frente dos outros profissionais mais competentes ou mais focados no trabalho do que no ego. Em um mundo sem vaidade teríamos um maior foco no mérito e no esforço pessoal, a ausência de vaidade também modificaria a estrutura do mundo do trabalho.

A vaidade acaba governando muito do nosso mundo e também dos nossos relacionamentos pessoais. Pense nas respostas mal educadas que damos ou que recebemos, aquela atitude ríspida ou impaciente, muitas destas atitudes são governadas pela vaidade, na verdade pelo nosso orgulho ferido quando recebemos um questionamento ou uma cobrança por algum trabalho mal executado ou uma pergunta difícil que não podemos responder, mas que nossa vaidade não nos permite dizer: “não sei, preciso me informar melhor”. Assim damos uma resposta confusa ou incoerente para nos esquivar, ou dependendo do caso já soltamos de primeira uma grosseria, tudo

para esconder uma fraqueza e evitar arranhar nossa falsa imagem de sabedoria. Este comportamento é muito comum principalmente com aqueles que consideramos como supostamente inferiores hierarquicamente, como empregados, subordinados, filhos, estagiários etc. Em um mundo sem vaidade as pessoas seriam mais afáveis e muitos conflitos e desavenças seriam evitados.

Este mundo sem vaidade ainda está muito distante da realidade do nosso planeta, mas ao contrário de um mundo utópico, como por exemplo um mundo sem dinheiro, é possível sim nos aproximarmos bastante deste mundo sem vaidade mudando voluntariamente nossas atitudes. Não precisamos nos transformar em hippies ou passar a viver no meio da floresta para abandonar a vaidade em relação aos bens que consumimos, basta nos questionarmos se este carro ou esta escola ou este celular novo são realmente mais úteis que os outros mais baratos, ou se estou sendo motivado pela vaidade, basta nos preocuparmos mais com a real utilidade ao invés de ficarmos tentando justificar a nós mesmos o porquê de ter gasto mais com um produto mais caro que satisfaz nossa vaidade, fingindo que ele é mais útil que o outro. Também posso esquecer os olhares e os julgamentos das outras pessoas e me vestir da maneira mais funcional em qualquer ocasião, imaginem o juiz do supremo largando aquela toga ridícula que o faz parecer um religioso de um tribunal da idade média e vestindo calças jeans, da marca barata é claro. Imaginem homens públicos despreocupados com as câmeras e agindo segundo apenas sua consciência, ou profissionais de destaque que se destacam pela competência e humildade e não pela imagem pessoal artificialmente fabricada.

Este mundo sem vaidade parece distante, mas para entrar nele precisamos apenas de uma mudança de atitude. Basta que paremos de nos preocupar com as comparações inúteis entre os bens que nós e nossos vizinhos consomem, paremos de valorizar tanto nossa imagem pessoal, nos preocupemos menos com nosso orgulho ferido e logo entramos neste mundo sem vaidade. O mundo à nossa volta reflete o nosso estado mental e quando aprendermos a ignorar as

disputas de ego passaremos a nos sintonizar em outra frequência mental onde marcas, rótulos, títulos e reputação artificial não possuem valor algum. Neste mundo sem vaidade, que está bem aqui e acessível a qualquer um hoje mesmo, nosso dinheiro rende mais, trabalhamos melhor, nos vestimos de forma mais confortável, somos mais sinceros e brigamos menos. No dicionário vaidade significa aquilo que é vão, vazio, sem conteúdo; abandonando a vaidade deixamos para trás um mundo vazio e nos tornamos mais completos, um bom exemplo de como menos por ser mais.

Mundo civilizado

Costumamos chamar de “civilizações” aquelas grandes aglomerações de pessoas do passado que construíram grandes monumentos de pedra, ou que atingiram grandes feitos que marcaram a sua presença na história do mundo. Mas também podemos traçar uma linha divisória entre o mundo civilizado e mundo não civilizado na antiguidade pela existência ou não de um conjunto de leis que estabelecessem a ordem em um grupo de pessoas. As pessoas que não viviam sob o domínio de um estado onde existisse uma lei civil, que devia ser obedecida por todos, estavam naquilo que em O Livro dos Espíritos é chamado de “Estado de Natureza”.

Na resposta à pergunta 776 deste livro os espíritos informam que “A civilização é incompatível com o estado de natureza” e Allan Kardec acrescenta que “O estado de natureza é a infância da Humanidade e o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral.”

Mas como era este tal estado de natureza? O estado de natureza era o estado em que se encontravam todos os espíritos da terra nas eras primitivas, antes do estabelecimento das civilizações. É onde reinava o que chamamos hoje de “lei da selva” ou “lei do mais forte”, na verdade é a falta de qualquer lei. Se não existe um estado, alguma forma de governo que estabeleça leis que devem ser obedecidas por todos, então todos possuem liberdade total, livres de qualquer coerção e qualquer punição, se acham então no direito de fazer o que bem entenderem e, ao mesmo tempo, ninguém tem direito a nada. Isso porque cada um só pode dizer que é seu aquilo que conseguir por conta própria tomar conta e evitar que seja tomado por outra pessoa, não existe o conceito de propriedade, não existem direitos e nem mesmo uma noção ou guia do que possa ser considerado certo ou errado. A terra no estado de natureza era semelhante aos mundos atrasados descritos em O Evangelho Segundo o Espiritismo:

“Nos mundos mais atrasados, os seres que os habitam são de algum modo rudimentares; têm a forma humana, mas sem

nenhuma beleza. Os instintos não têm ainda nenhum sentimento de Delicadeza ou de benevolência nem noções de justiça ou de injustiça. A força bruta é a única lei.” (Cap. 3,8)

O estado de natureza em que se encontrava a terra em era primitivas é similar àquele estado de coisas que vemos nos filmes ou séries de TV apocalípticos, que retratam um futuro em que a humanidade retrocede (algo que o espiritismo nos mostra ser impossível) a um estado de barbárie, que na verdade é inspirado nas nossas memórias distantes de tempos passados.

As primeiras civilizações foram aqueles pequenos agrupamentos de pessoas que se uniam para se protegerem contra agressões externas. Construía então suas casas próximas umas das outras e frequentemente erguiam algum tipo de proteção como um muro em volta de todas as casas. Logo se formavam as cidades muradas, com suas próprias leis, as chamadas “cidades estado” de onde derivam os termos cidadão, civil, civilização etc. Os habitantes das cidades não estavam mais sujeitos aos perigos da “lei da selva”, mas dentro delas era preciso estabelecer um conjunto de regras mínimas a serem obedecidas por todos e também algum tipo de poder que tivesse o direito de usar a força contra quem violasse estas regras. Mas aqueles que viviam fora dos muros da cidade não estavam sujeitos a nenhuma lei, pois não havia quem pudesse impor leis e punir quem estivesse fora da cidade. Lá fora o estado de guerra ainda era permanente, todos podiam fazer o que quisessem e ninguém estava a salvo de qualquer violência. Por isso a maior punição para um cidadão era ser expulso da cidade, expulso da civilização.

Após alguns milênios de lutas frequentes entre grupos rivais, chegamos ao mundo atual em que quase toda a superfície da terra está dividida em nações, imensos estados, mas cada um ainda com suas próprias leis. As nações atuais na prática funcionam ainda de forma muito similar às cidades estado, cada cidadão de uma nação deve obedecer somente às leis do território ao qual pertence e só pode ser punido pela violação das leis do país ao qual pertence ou

onde estiver residindo. Uma diferença é que a maioria dos países não adota mais a pena de banimento, até porque praticamente não existem mais áreas “sem dono”, ao sair de um país já se está automaticamente dentro de outro.

Existem hoje é claro muitos acordos e organizações internacionais como a ONU, FMI, Banco Mundial, Interpol, OIT etc. e também as chamadas leis internacionais, que são acordos voluntários entre países que estabelecem regras de conduta, como as convenções de Genebra. Mas ao contrário das leis internas de cada país, não existe uma força que obrigue um país a obedecer qualquer tratado ou lei internacional, os países apenas obedecem aqueles tratados que lhes são convenientes e apenas enquanto ainda forem convenientes e não existe uma polícia internacional ou justiça mundial que possa punir um país por desobedecer qualquer lei.

Isto ficou bem claro nos anos recentes quando os líderes dos Estados Unidos (que já tentaram se investir no papel de polícia do mundo) resolveram unilateralmente declarar guerra e invadir o Iraque com um pretexto que se provou mais tarde ser uma mentira, desrespeitando as resoluções da ONU e também inúmeros tratados internacionais como as próprias convenções de Genebra, o que provocou grande indignação até mesmo de parte de sua própria população. Mas apesar das inúmeras violações às leis internacionais, não houve qualquer país ou qualquer polícia ou força internacional que pudesse nem ao menos sonhar em aplicar qualquer punição por estas violações.

Este e outros exemplos mostram que na prática ainda não vivemos em um mundo que se possa chamar de civilizado, ou completamente civilizado. Não existe uma autoridade internacional e uma força internacional que possa punir por exemplo empresas que manipulam governos corruptos e provocam guerras em busca de maiores lucros. A única interferência possível é a pressão de outros grupos econômicos poderosos que temem ver seus negócios prejudicados e no mundo de hoje, assim como há 200 anos, ainda é muito comum vermos grupos extremistas formando guerrilhas e sendo financiados

pelos interesses econômicos de países rivais como na Ucrânia, Iêmen, Síria etc.

No futuro da terra, quando vivermos sob uma verdadeira civilização, quando pudermos realmente nos considerar civilizados, nenhum cidadão do mundo vivera mais sob o medo de ver seu país destruído por uma guerra entre interesses internos ou estrangeiros. Pequenos grupos radicais como o Estado Islâmico e outros similares serão rapidamente contidos e na verdade nem conseguirão acesso a armamentos, pois em um mundo civilizado uma efetiva polícia do mundo conterá os radicalismos ao invés de financiá-los. Um mundo civilizado será governado por uma lei comum, com peculiaridades locais, mas com princípios comuns que nenhum governante regional ousará violar.

Os espíritos violentos, sedentos de guerra e separatismo serão como os criminosos comuns de hoje, que são exceção e não maioria. Estes espíritos violentos não conseguirão mais convencer a população de países inteiros e arrastar nações para a guerra sob qualquer pretexto, assim como os criminosos comuns hoje não conseguem convencer multidões a invadirem e roubar os bancos.

Um dia os espíritos agressivos e preconceituosos, os que pregam políticas e espalham boatos maliciosos contra imigrantes, os que pregam ideias nacionalistas radicais e incitam guerras etc. estarão todos mudados de personalidade, ou, caso contrário, serão mudados de planeta. Uma humanidade transformada não tolerará mais os políticos com discurso de ódio e nem aqueles que tratam qualquer conflito econômico ou político como motivo suficiente para ameaçar um agressão militar. O comportamento violento e as agressões gratuitas daqueles que se julgam superiores não será mais tolerado, da forma similar ao modo como o bullying está aos poucos sendo banido das escolas.

Num planeta terra plenamente civilizado, as leis serão efetivas e se aplicarão a todos não importando o quanto poderosos sejam os interesses. Não existirão mais guerras porque os conflitos serão

mediados por um poder comum acima de todas as forças de qualquer país e assim a lei do mais forte não será mais aplicada nas relações internacionais. Desta forma, os últimos resquícios da “lei da selva” serão removidos.

Mas por hora o que podemos fazer é banir da política os espíritos violentos e com discurso radical, aqueles que constantemente sugerem que a violação das leis que asseguram direitos e garantias sociais pode ser a solução para se obter uma sociedade melhor. Estes na verdade prefeririam ver a democracia ser substituída por uma estrutura hierárquica militar, onde não existe espaço para debate, apenas obediência ou punição. Estes são os espíritos atrasados da nascente civilização terrena, por detrás de um discurso que fala em “lei e ordem” na verdade encontramos espíritos que vivem intelectualmente num mundo onde só existem fracos e fortes, onde se manda ou se obedece, independentemente do que seja certo ou errado, justo ou injusto. Estes espíritos precisam ser ajudados para se adaptarem a uma sociedade plural e democrática e não serem colocados em posição de comando.

Sem estes princípios básicos, sem o respeito à lei e às diferenças, não poderemos viver em verdadeira paz e nunca poderemos nos considerar seres realmente civilizados. Podemos, e na verdade precisamos, começar a construir este mundo civilizado hoje mesmo e o primeiro passo é afastar de nossa mente todos os pensamentos e ideologias que tendem para o autoritarismo e a intolerância. Um mundo realmente civilizado, livre de toda intolerância e de toda agressão gratuita contra os mais fracos, ainda é um sonho distante, mas é um mundo possível e cuja construção começa dentro de nós mesmos. Em uma época em que o clima político e a facilidade de acesso à informação ajudam a exacerbar as posições radicais, se aprendermos a nos controlar e tolerar as opiniões divergentes, sempre seguindo o exemplo de humildade e paciência do Cristo, já estaremos dando um importantíssimo primeiro passo em direção a um mundo civilizado.